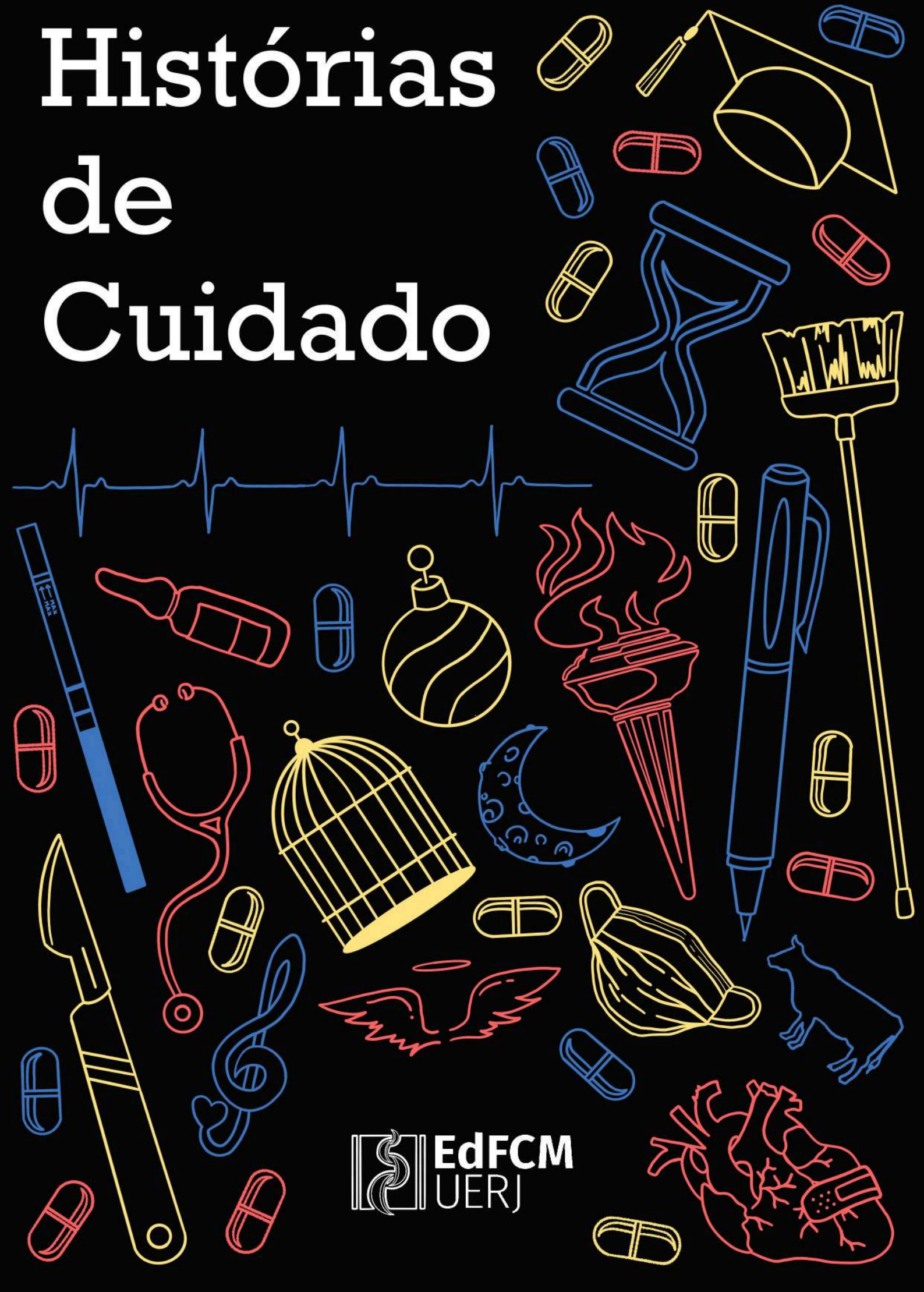
Histórias de Cuidado



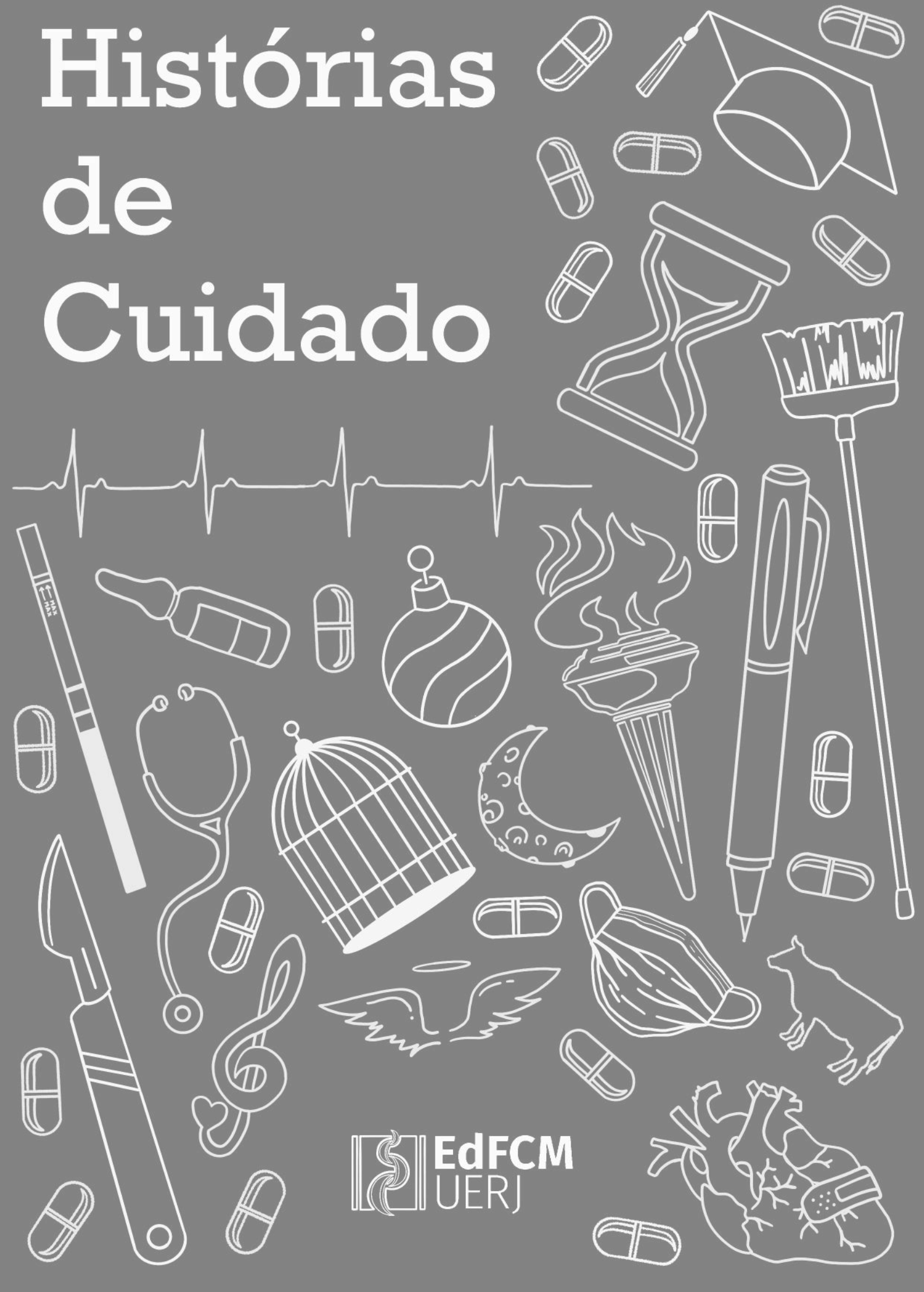
EdFCM
UERJ

Histórias de Cuidado

Coordenadora :
Eloisa Grossman

Organizado por:
Bruno Rangel Dibai; Eveline Candeco Derzi Pinheiro; Maria Eduarda Aragão Costa; Pedro Cesar Ribeiro; Samara Lopes de Melo; Tábata da Cunha Esteves de Almeida & Vitória El Warrak.

Histórias de Cuidado



EdFCM
UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitora
Gulnar Azevedo e Silva
Vice-reitor
Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues
Pró-reitor de Saúde
Ronaldo Damião
Diretor do Centro Biomédico
Mario Fritsch Toros Neves

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

Diretor
Rogério Rufino
Vice-diretora
Katia Telles Nogueira
Coordenador de Graduação
Thiago Thomaz Mafort
Coordenadora de Extensão
Debora Silva Teixeira
Coordenadora de Pós-graduação
Luiz Guilherme Kraemer de Aguiar
Coordenadora de Pesquisa
Ana Beatriz Winter Tavares
Coordenadora do Internato
Rafael Barbosa da Silva Bica
Coordenadora de Residência Médica
Pedro Pimenta de Mello Spineti

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CB-A

H673 Histórias de cuidado / coordenadora: Eloísa Grossman. – Rio de Janeiro: FCM – UERJ, 2024.
1 recurso online (150 p); il.

Livro digital em formato PDF.

ISBN 978-65-996880-4-1

Organizadores: Bruno Rangel Dibai, Eveline Candeco Derzi Pinheiro, Maria Eduarda Aragão Costa, Pedro Cesar Ribeiro, Samara Lopes de Melo, Tábata da Cunha Esteves de Almeida e Vitória El Warrak.

Disponível em: https://fcm.uerj.br/editora/

1. Medicina narrativa. 2. Estudantes de medicina. 3. Assistência centrada no paciente. I. Grossman, Eloísa (coord.). II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Ciências Médicas.

CDU 61:3/82

Bibliotecária: Ana Rachel Fonseca de Oliveira
CRB7/6382

Faculdade de Ciências Médicas
Av Professor Manuel de Abreu, 444 / 2° andar - Vila Isabel, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 20551-030
Telefone: + 55 21 2334-2097
http://www.fcm.uerj.br/

Parada cardíaca

Essa minha secura
essa falta de sentimento
não tem ninguém que segure
vem de dentro

Vem da zona escura
donde vem o que sinto
sinto muito
sentir é muito lento

Paulo Leminski

Sumário

Sumário

Sobre o projeto 9

Prefácio 13

Introdução 16

Alfeu Garcia Junior 20

Ana Carolina Pimenta 23

Ana Júlia A. D. Gonzalez 26

Almina Mannarino 28

Anália da S. Barbosa 32

Andreza Rocha 35

Angela Maria Q. Almeida Oliveira 37

Bárbara Claudia Souza da Silva 39

Bianca Siciliano de Figueiredo 41

Bruno Rangel Dibai 45

Carla Regina Siqueira Figueiredo 50

Carla Ribeiro Queiroz 53

Christianne 55

Ernani Braga 58

Eveline Candeco Derzi Pinheiro 62

Isabel Rey Madeira 64

Jardilene Perci 67

João Victor Labanca Beskow 69

José A. Souza Neto 73

Juliana Barreto de Almeida Ribeiro 75
Júlio César M. do Nascimento 78
Lara Lima Kleinsorgen Motta 81
Letícia da Silva M. Vasquez 83
Ludmila Luiza Cunha de Souza 85
Maria Eduarda Aragão Costa 90
Marina Oliveira Rodrigues 93
Marina Soares Alves Fernandes 96
Matheus Moutela 99
Miriam Anjos dos Santos 101
Nayara Reis 103
Pedro Cesar Ribeiro 107
Rafaela Mendes Tobias 111
Samara Lopes de Melo 114
Simone Nunes Barbosa 117
Suélen Oliver 120
Tábata da Cunha Esteves de Almeida 123
Thiago Fillip Almeida Pontes 126
Thiago Rangel 133
Vitória El Warrak 137
Wanessa Vilela dos Santos 143
Zeneide 145

Sobre o projeto



PROJETO DE TRABALHO PRODOCÊNCIA

A dimensão dialógica do cuidado: ouvir e fazer-se ouvir na prática clínica

Unidade: Faculdade de Ciências Médicas

A FCM está em processo de implantação de um novo currículo. O documento referente às Diretrizes Curriculares Nacionais de 2014 determina que a formação do graduado em Medicina deverá ser geral, humanista, crítica, reflexiva e ética. A integração do conhecimento biomédico às humanidades é, portanto, imprescindível. Quando adoecem, as pessoas encontram-se num complexo processo de interação das alterações biológico-funcionais com as relações familiares e com fatores macro determinantes, tais como, condições socioeconômicas, culturais e ambientais.

Este projeto tem como referencial teórico a medicina narrativa, definida por Charon (CHARON, 2001) como a medicina praticada com a competência narrativa para reconhecer, absorver, interpretar e ser movido pelas histórias de doenças.

As pessoas adoecem e recorrem aos médicos em busca de alguns propósitos: diagnósticos precisos, terapia efetiva e reconhecimento de seu sofrimento. Embora seja fácil constatar os grandes avanços da medicina no que concerne aos primeiros objetivos, a capacidade dos médicos em alcançar o terceiro parece ter diminuído. Os avanços tecnológicos parecem ter distraído os médicos de suas raízes e do cerne de sua atividade: o cuidado da pessoa enferma. Hydén (HYDÉN, 1997) afirma que os médicos desconfiam dos relatos dos pacientes. Segundo ele, a voz do médico, que é a tradução do sofrimento dos pacientes, necessita ter o

formato de um registro neutro e objetivo dos fatos ouvidos para ser acreditada pelos pares, e a experiência de adoecimento do paciente é codificada em um esquema, com o objetivo de eliminar aquilo que o médico julgar irrelevante.

Almejou-se que o projeto oferecesse contribuições à formação dos estudantes de medicina, propiciando autoconhecimento, troca e escuta do outro – paciente, cuidadores/acompanhantes, colegas, professores e outros profissionais.

Este ebook é fruto das atividades desenvolvidas pelo grupo, visando a sensibilização da comunidade hospitalar para a produção de textos intitulados Histórias de Cuidado no HUPE. Todas as narrativas que foram compartilhadas serão publicadas, revelando a valorização de vozes muitas vezes abafadas de pacientes, cuidadores, estudantes e profissionais. O material poderá ser utilizado na disciplina integradora Competência Narrativa na Prática Médica, bem como, em outras disciplinas da graduação e pós-graduação, que privilegiem a construção das histórias clínicas. Apostamos no potencial da literatura em promover reflexão, interpretação e imaginação; em facilitar a autoconsciência; em estimular o envolvimento afetivo e em auxiliar a lidar com a ambiguidade e com a compreensão mais sutil e profunda.

Referências bibliográficas:

CHARON, R. Narrative Medicine: A Model for Empathy, Reflection, Profession, and Trust. JAMA, v. 286, n. 15, p. 1897, 17 out. 2001.

HYDÉN, L.C. Illness and narrative. Sociology of Health & Illness, v. 19, n. 1, p. 48–69, 1997.

Prefácio



E por falar em cuidado...

Entrei na universidade em 1977. Não só houve fascinação nos primeiros anos, pois algumas experiências eram desanimadoras. As conversas e os aprendizados nos corredores, na cantina e, especialmente o convívio com os colegas foram o esteio dos primeiros anos de formação.

Ao longo do curso, tive a oportunidade de ser monitora nas disciplinas de Patologia e Parasitologia. Na primeira, a professora Euzenir Nunes Sarno propunha um aprendizado em grupos, a partir de textos selecionados e de roteiros de discussão, e atividades práticas, com abolição das aulas teóricas. Em Parasitologia frequentava o laboratório do hospital e realizava exames de moradores do Morro dos Macacos, sob a orientação da Professora Nilcéa Freire.

Ao ingressar no ciclo clínico, na disciplina de Pediatria conheci a pessoa que é a minha maior referência profissional - Professora Edna Ferreira da Cunha. Com ela descobri a minha vocação para cuidar de crianças. Mais do que uma mestra, ela se transformou na pessoa com quem eu compartilhava minhas vitórias, minhas dúvidas e meus fracassos. Lembrar de suas palavras e do seu abraço me encanta e estimula até hoje. Ela combinava harmonicamente conhecimento técnico, afeto, didática e sólidos valores éticos.

Já como profissional, ao retornar ao HUPE, especificamente para a Unidade Clínica de Adolescentes, através do exemplo da Professora Maria Helena Ruzany, pude unir os fios ainda soltos da minha trajetória de formação e descobrir a médica e a professora que gostaria de ser.

Conviver com Bruno, Eveline, Maria Eduarda, Pedro Ribeiro, Samara,

Tábata e Vitória no Projeto de Prodocência Dimensão Dialógica do Cuidado: Ouvir e Fazer-se Ouvir na Prática Clínica é um privilégio. A oportunidade de aprender em conjunto é a estratégia de formação que persigo e acredito. O e-book Histórias de Cuidado é fruto da generosidade daqueles que conosco compartilharam as suas histórias.

Divido a coordenação do grupo com as grandes mulheres professoras Euzenir, Nilcéa, Edna e Maria Helena, que mesmo antes dos debates sobre metodologias ativas de ensino e aprendizagem, sabiam da importância de preparar médicos para atender às necessidades das pessoas, estimulando o pensamento crítico, a autonomia, a criatividade e a humildade de ser aprendiz por toda a vida.

Eloisa Grossman, 2024

Introdução

Histórias de Cuidado

Usamos destas páginas para bordar, em suma, a grande travessia, isto é, a vida. Diante da máxima "viver é muito perigoso", experienciamos o existir em suas mais diversas facetas. O nascimento, o desenvolvimento, as descobertas e o fim – fases de um ciclo que são tão belas e inesquecíveis por suas diferenças, mas que rufam em uníssono graças a uma nota ouvida harmoniosamente em todas: o cuidado.

De maneira mais óbvia, pensamos no cuidar como tratamento e cura, entrincheirando-se para dentro das paredes de um hospital, perdido entre som de bips e baps dos aparelhos berrantes e tão estéril quanto o branco dos enjalecados que circulam. Entretanto, nas linhas que se seguem, vemos o cuidado perpassar de mansinho, ora tão imponente quanto um soberano, ora tão leve quanto a lágrima que escorre de canto e ninguém vê.

Seja do outro, seja próprio, o cuidado atravessa um tal destino como um exercício de ligar os pontos: juntamos os traços com um rabisco único, que erra, entorta, borra, falha, treme, mas segue incessante até o ponto final. E o esboço que se delineia guarda o que há na essência humana: os tons saturados dos momentos vibrantes, a paleta acinzentada do luto e os pastéis da calmaria cotidiana da espera. E toda essa arte descreveu-se em palavras que nos foram presenteadas em forma de narrativas que agrupamos neste livro.

Aqui, reunimos relatos de tantas vidas que fizeram as mais diversas fases de sua travessia coincidir com o elo que une todas as narrativas – o HUPE. Das mais viscerais às mais singelas, as histórias que os aguardam

são exemplos da riqueza presente em nosso Hospital, que é edificado nos ombros dos nossos autores: alunos, funcionários, pacientes e acompanhantes, cujos fios das veredas se enovelam nesse lar de contos que é o Pedro Ernesto.



Alfeu Garcia Junior



Quem chega ao serviço de tratamento de HIV no HUPE já traz consigo, além da carga viral, todo um histórico de medo, rejeição, incertezas e, por vezes, desamparo. Historicamente, o contexto em que vive a população acometida pelo vírus conjuga patologia com práticas sexuais estigmatizadas como imorais, de modo a fazer parecer que os indivíduos que convivem com a doença merecessem mais as sanções de um tribunal do que os cuidados e orientações de um hospital.

Minha primeira impressão ao chegar ao HUPE, vários anos atrás, foi a de me sentir profundamente acolhido. Hoje já não se trata mais de uma simples impressão, mas de uma sólida certeza. É, contudo, necessário, esclarecer o que constitui esse acolhimento. Eu já me sentiria satisfeito se minha doença fosse tratada com a seriedade que merece, recebendo da equipe de médicos(as) e atendentes a atenção protocolar que consiste em acompanhar a eficácia do esquema antirretroviral, a manutenção da carga viral e dos índices de CD4 e CD8, a atenção às comorbidades. Mas o tratamento vai muito além disso. Percebo que existe real interesse no meu bem-estar geral: como é, como tem sido o meu "estar no mundo", convivendo com o HIV, no meu lugar de trabalho, com a minha família, com meus amigos.

"Cuidado" alcança nesta experiência um estatuto de conceito que se estende para além da relação médico-paciente. A cada vez que passo a ser atendido por um novo médico ou médica, observo que, neste primeiro contato, querem me conhecer como um indivíduo real, que tem um nome e um histórico. É muito bom me sentir maior que um número de prontuário. E, de maneira muito delicada e sensível, esses profissionais

vão compreendendo, reconstruindo a história de como esse indivíduo real adquiriu a doença e como tem convivido com ela.

Este relato, no qual a sinceridade me obriga a registrar toda minha gratidão, também se constitui como um espaço onde me sinto à vontade para fazer um único pedido. Sabemos que nossos médicos e médicas estarão nos atendendo por um tempo limitado. Compreendemos a necessidade de haver a rotatividade e que isso faz parte de sua formação. O que acontece, porém, é que acabamos por criar vínculos de bem-querer, que não quero chamar de amizade, mas que são profundamente enraizados nesta concepção de "cuidado" e de respeito a nós – pacientes -, que temos o privilégio de termos nossas identidades, histórias e perspectivas consideradas com tanto respeito e carinho. Gostaria que uma vez por ano todos os médicos e médicas que cuidaram de nós, ao longo desses anos, fossem reunidos, juntamente aos pacientes, para que nós, que recebemos a sua atenção e cuidado, pudéssemos expressar todo nosso reconhecimento. Que a cada ano, nós tivéssemos a alegria de renovar nossa sincera e profunda gratidão.

A doença crônica com a qual vivemos talvez não tenha cura, mas o estigma de conviver com ela tem. Obrigado, profissionais do HUPE.

Satu

Rio de Janeiro, junho de 2023



Ana Carolina Pimenta



Havia um conto mágico a se desenrolar, no Hospital Pedro Ernesto, um lugar singular. Lá, no ambulatório de cuidados paliativos, um mundo de encanto se abria aos olhares curiosos e sensíveis.

Como uma jovem aprendiz das artes da medicina, eu adentrava aquele espaço com a alma em sintonia. Uma megaestrutura se revelava em seu esplendor: médicos, psicólogos, nutricionistas, e até mesmo musicistas de valor.

A Dra. Lilian Hannemann, com sabedoria e magia, coordenava cada passo, com amor e maestria. Era ali que uma história tocante se desdobrava, entre os pacientes, um pai e sua filha distante, a se reencontrar. Seu José, um senhor de origem nordestina e sábia voz, carregava no peito a melodia dos repentes, um dom que o fez atroz. Dra. Lilian, inspirada pela poesia que ecoava, propôs um encontro especial, uma nova jornada.

Com a ajuda da musicoterapia, uma alquimia de sons e palavras, Seu José, com a tinta e o coração, traçou suas mágoas e esperanças, escreveu um repente cheio de amor e arrependimento, um canto de reconciliação, repleto de encantamento.

Dra. Lilian, como uma fada das relações perdidas, esforçou-se em encontrar a filha, mesmo em terras desconhecidas, e quando o repente estava pronto, como uma chama acesa, eles se reuniram, prontos para a jornada surpreendente que se desvela.

No ambulatório, uma atmosfera mágica tomou conta. As vozes dos pacientes e profissionais ecoaram como uma fonte, e ali, diante da filha tão distante e querida, Seu José entoou o repente, e a sala foi envolvida.

As palavras fluíram como fios de prata, tecendo a melodia. A filha, tocada pela poesia, deixou-se levar pela magia. Em lágrimas, abraçaram-se; a reconciliação enfim aconteceu. E o ambulatório se encheu de emoção, num espetáculo que só o amor promoveu. Naquele momento, o tempo parou, o impossível se tornou real. Os laços rompidos foram restaurados, a dor se transformou em paz celestial. A Dra. Lilian, com sua sabedoria e dedicação incansável, trouxe de volta um laço perdido, em um gesto verdadeiramente inesquecível. Que essa história mágica, permeada de amor e encanto, permaneça como uma inspiração em cada recanto, e que o Hospital Pedro Ernesto, continue a ser um lugar onde a magia da medicina transforma vidas, sempre cativos.

Ana Júlia A. D. Gonzalez

Olá! Meu nome é Ana Júlia. Eu sempre tive uma vida normal até que fui diagnosticada com encefalite autoimune. Primeiro, fui internada no hospital Maria de Nazaré, em minha cidade natal, Barra do Piraí, onde fiquei por cinco dias. Acharam que eu tinha tido um surto psicótico. Depois, fui levada para o Hospital Universitário de Vassouras, onde fiquei por onze dias. Lá, suspeitaram que eu tinha encefalite. Fui internada, entrei em coma e fui estabilizada. Um tempo depois, fui admitida em um hospital em Saracuruna, Duque de Caxias, com novo diagnóstico de encefalite. Minha mãe me disse que o que mais a chocou foi quando parei de deglutir, já que o que eu mais gostava era de comer. Depois de um mês entubada, fui submetida a uma traqueostomia. Depois disso, fui melhorando e não precisei mais ficar no CTI. Então, fui transferida para o Pedro Ernesto, com piora do meu quadro. Me recuperei uma semana depois. Aqui, as enfermarias, enfermeiros, médicas e médicos, principalmente minha mãe, minha vontade de melhorar e de rever minha família me ajudaram muito. Em novembro, receberia alta caso conseguisse ficar com a traqueostomia tampada por 74 horas. Uma coisa que mais me marcou, além das colegas que fiz, foi o dia que falei com a minha mãe que íamos vencer aquilo juntas e realmente estamos vencendo a cada dia. No dia 26 de novembro, eu recebi alta. Venho fazendo o tratamento e as coisas têm, aos poucos, voltado ao normal. Sinto que poderei realizar o meu sonho de fazer faculdade de cinema.



Almina Mannarino



O afeto é subversivo

A medicina como universo novo que constitui um campo social não me atrai, nem tampouco me fascina. Pela ótica social, a medicina traz consigo um peso de reprodução das desigualdades sociais, de sujeitos da elite que adentram o campo do SER MÉDICO e que reproduzem, a partir de relações tácitas de poder, as condições de classe social e, que no Brasil, trazem consigo a cor e a etnia de grupos e povos escravizados e aculturados desde que se passa a construir uma história sobre nós e não por nós. No campo biológico, se torna a salvadora de vidas e a detentora do verdadeiro saber.

Inicio meu texto dessa maneira, nada afável e contemplável de leitura, pois acredito que só podemos ver a beleza do campo depois de desnudar suas mazelas, suas dores, sua face sombria. Olhar para o presente e o passado de forma pessimista, revelando toda crueldade, nos traz a possibilidade de pensar na subversão do campo. E a subversão do campo se dá atravessada pelo olhar do afeto com o outro.

O que desejo ao encontrar o paciente? Desejo colher a melhor anamnese e ser considerada a melhor relatora de anamneses ou ouvir, verdadeiramente, meu paciente? É mecânico ou afetuoso? É uma escuta verdadeiramente ativa? O que é escuta ativa? O que se deve fazer para ter escuta ativa? Quem vai ensinar a ter escuta ativa?

Percebo que a “técnica” da escuta ativa ensinada na medicina é olhar no olho, se colocar na mesma altura que o paciente e prestar atenção em cada dado que ele nos informa. Você prestou atenção no que falei agora? Olhar no olho e prestar atenção são formas de fazer funcionar nosso raciocínio e

ir, aos poucos, acessando nossos conhecimentos armazenados exaustivamente em nossas mentes. Quem falou em afeto? Ninguém! Escuta ativa é construir fios invisíveis de afeto que vão tecendo a relação médico-paciente durante o tempo que permanecerem juntos. É se importar mais como o outro fala e sobre o que ele fala. Obviamente, não é excluir a capacidade de acessar as informações que podem chegar à hipótese diagnóstica, mas estou dizendo que não é só isso! Entende? É realmente querer ouvir o que o paciente te diz, é abrir a alma para esse encontro. É pensar que esse encontro mudará a vida tanto do médico quanto do paciente.

A voz do paciente não aflora apenas as dores dos joelhos, dos ombros, a queimação no peito. Não! A voz do paciente traz o próprio paciente, sujeito socialmente construído que também constrói as teias de um tecido social que remendam um retalho dito democrático, mas que não cobre a todos igualmente. Esse retalho democrático que chamam de Brasil traz mazelas sociais que reverberam nas posições sociais e nos campos em que cada gênero e cor irá ocupar. No campo da profissão médica, historicamente, ocupa uma elite que delimita a fronteira e as brechas de quem pode ou não adentrar o campo. De forma tácita se aceita ou se nega os sujeitos que correspondem às expectativas morais, culturais e intelectuais da elite médica brasileira. De outro, tem-se o resto da população. Há aqueles que possuem maior identidade político-econômico-cultural com a elite médica, que receberão um dado tipo de tratamento quase cortejado. Contudo, há a "ralé brasileira" que dependerá do SUS e aí que se afloram as lutas de classes e as estruturas de poder. Por meio do

aparelho estatal, que visa promover o acesso ao direito à saúde garantido pela constituição, há os que lutam por melhorias e os que lutam pela permanência da desigualdade: o subfinanciamento, o destrato ao paciente negro, o destrato à mulher que vai parir, o descaso à adolescente estuprada revelam o ódio de classe não percebido aos que não possuem olhar atento à historicidade de construção do Brasil: racista, machista, misógino e homofóbico.

Tudo isso está sutilmente implícito na não escuta, no apagamento da voz do paciente. No que costumo chamar de medicocentrismo. Parece indigerível esse texto, mas ele é um convite à reflexão de como o nosso existir no mundo, em todas as suas dimensões possíveis é um ato político que pode ser subversivo em instâncias ignoradas, como realmente ouvir a voz do paciente, que aflora sua essência.

De que adianta me dizer democrático se não trato negros e brancos igualmente? Se não trato meu paciente do Copa Star igual ao do Souza Aguiar? Se vejo a empregada doméstica com menos valor que a esposa do patrão? O ser médico é, acima de tudo, fazer o exercício, por vezes quase impossível, de despir nossos preconceitos e ódios sociais na tentativa de tratar a todos igualmente. Os fios que saem de mim devem ser capazes de se entrelaçarem com os fios que saem do paciente sem serem rompidos por questões socialmente construídas.

Existe uma entidade afetuosa capaz de transcender ao capital cultural herdado e, me perdoe Bourdieu, essa entidade é capaz de subverter o sistema.



Anália da S. Barbosa



Um dos pacientes que acompanhei durante os últimos anos, junto com outros profissionais, faleceu. Deixo aqui meu registro em nome da sua memória; é a forma que encontrei de elaborar. Siga seu caminho de luz.

Gaiolas

Homem. Preto. Foi assim que ameaçaram identificá-lo na certidão de óbito. Assim foi reconhecido e visto ao longo de toda sua história. Não foi existência, foi sobrevivência.

2017, uma ligação. Tem um jovem preto aqui, problemático, precisa de ajuda. Posso mandar? Mandar o que? Homem. Preto.

CAPS. Veio. Sorriso, energia de alguns homens. Potência de um império. Imagem de um guerreiro. Exu. Ogum. Histórias reais. Delírio. Raça. Classe social. Loucura. Não ouso dizer sobre o que não é meu. O que não vivi e só ouvi. Homem. Preto.

Vi. Machucado. Sangue. Fome. Falta de tudo. Teu nome na boca de quem tem tudo. Dinheiro. Acesso. Fama. Homem. Preto.

Brilhava como prata e era visto como metal. Borel? Só se for nego. Dançava e trazia no corpo as marcas e a ancestralidade. Rua. Morro. Homens de farda. Jovens com fuzil. Pretos.

Uma mulher. Preta. Mãe? Companheira. A mãe, preta, enlouqueceu. O pai, nem na certidão de nascimento. Homem. Preto.

Não dava para ser herói cheio de vícios. Não teve chance de fazer diferente. Macumba. Diagnóstico. Até sua crença virou coisa do diabo. Preto.

Enterrado. Vivo. Sobreviveu. Expulso. Chegava fantasiado de palhaço, de

surfista, de dançarino, de mulher, menos dele. Quem era? Homem. Preto. Ameaçado. Furto. Roubo dos seus. Furtaram até a sua identidade. Confusões. Sexo. Drogas. Piadas. Versos. Lugar? Hospital psiquiátrico. Homem. Preto.

Liberdade para aqueles que sustentam. Sustentam a vida, produzindo ou consumindo. Ele? Problema. Sem lugar. Praia. Pé no chão. Cheiro. Vozes. Afeto. Remédio. Inacessível. Agressivo. Hostil. Manipulador. Somente homem. Preto.

Preso. Morto. IML. Uma ligação sem direito a reconhecimento do corpo. Uma fala: meus sentimentos. Sentiu todas as dores. No IML. Morto. Sem nome. Sem causa. Estado que pare, prende e mata. Apenas homem e preto.

30/05/23

Sigo por você e pelas vezes que te lembrei da sua história e do homem que era. Prata e potência. Vozes enganam!



Andreza Rocha



Me chamo Andreza Rocha e tenho 44 anos. Falar da minha história esse ano não está sendo fácil, pois tive um início de ano muito turbulento. Tenho 3 filhos - 2 do meu primeiro casamento e 1 do meu casamento atual.

No dia 22 de março deste ano, meus dois filhos, Felipe, de 25 anos, e Pedro, de 21 anos, foram para uma festa com oito amigos. O que fiquei sabendo é que um desses amigos mexeu com a mulher de um miliciano, e sumiram os dez. Desde esse dia, não tive mais notícias dos meus meninos, e estou sofrendo muito com isso.

Como se não bastasse, no dia 18 de abril, perdi minha mãe, que morava comigo depois de descobrir que estava com câncer no intestino. Ela foi fazer cirurgia e não aguentou. Veio a óbito. Porém, no mesmo dia em que ela morreu, meu pai foi internado. O enterro dela foi às 17:00, e às 20:30, eu já estava no hospital com meu pai, onde permanecemos até hoje.

Ontem, meu esposo precisou passar por uma cirurgia de hérnia umbilical. Se internou no hospital no dia 22 de maio, fez a cirurgia ontem, dia 23, e hoje está recebendo alta, e eu aqui no hospital com meu pai, sem poder cuidar dele em casa, mas para tudo na vida tem um propósito.

Então, como disse, esse ano está sendo muito difícil para mim e para minha família. Às vezes, é difícil ser forte o tempo todo. Tem horas que me desespero, por estar sem notícias dos meus meninos, por ter que deixar minha filha na casa dos outros, pois ela tem apenas 11 anos. Apesar disso tudo, eu não deixo meu pai e minha filha me verem chorando, pois eles precisam de mim, e vou estar aqui sempre que eles precisarem.



Angela Maria Q. Almeida Oliveira



Eu cuidei da biza da minha filha. Ela morou comigo 11 anos. Eu me separei do neto dela um mês depois. A neta veio buscar ela pra ir morar com ela, só que ela não quis ir embora; me chamou e perguntou: “Minha filha, eu posso ficar com você até o dia que eu for para o cemitério?” Essas foram as palavras dela, e assim foi. Ela teve uma fratura no fêmur e aí foi para o hospital e ficou lá dois meses e meio. Foi pro centro cirúrgico três vezes, só que a pressão subia e não conseguiam fazer a cirurgia. Na quarta vez, eu fui pro centro cirúrgico com ela e a cirurgia foi um sucesso. Como foi importante a minha presença para ela… Uma semana depois ela ia ter alta, mas numa quinta-feira ela teve um infarto e veio a óbito. Ali o meu mundo acabou porque ela tinha um amor muito grande por mim e eu por ela.

Bárbara Claudia Souza da Silva

Me chamo Bárbara, hoje sou psicóloga recém-formada, e perdi minha mãe para um câncer metastático agressivo de pulmão, o que fará nove anos em novembro. Ela começou a sentir dores de ouvido ao pegar friagem e fomos a três otorrinos que não acharam nada, mas pediram para procurar um dentista para investigar. Este profissional achou uma massa na língua, mas pediu exames. Ao levarmos os resultados no dia da colonoscopia que ela tinha a fazer, o médico, ao ver o exame de sangue com alterações significativas nos indicadores tumorais, nos encaminhou para emergência e falou para correr porque havia algo escondido. No espaço de um mês descobrimos o câncer de pulmão, que já tinha pego o coração, já estava se espalhando a caminho do cérebro e explicava as dores de ouvido. Esse foi o prazo que tive com ela: trinta dias da internação, a saída quinze dias depois, uma semana em casa, o retorno ao hospital quase morrendo pela falta de ar e a busca do corpo. Nesse período, foi muito difícil ver o medo nos olhos dela, ter que interceptar biópsia em laboratórios, ser clara com ela e mostrar que estávamos juntas nessa, mas sabendo que era uma briga com final definido. Não tivemos suporte psicológico no hospital, nem ela nem nós familiares, e foi então que resolvi voltar a estudar depois de doze anos fora das salas de aula e fazer psicologia, para garantir que menos pacientes passem pela solidão do luto precoce e em vida. Mas essa é a segunda parte da história, que ficará para outro momento.



Bianca Siciliano de Figueiredo



A história é de um paciente de 50 anos.

Em agosto de 2021, apresentou dores lombares que irradiavam para os MMII. Fez RNM da coluna pelo plano de saúde, que acusava uma hérnia inocente. A queixa principal era dor e “peso” nos MMII.

Em 2 de setembro de 2021, ele continuava com o quadro descrito, porém com momentos de alívio pelo uso de corticoide prescrito para a hérnia. Em 2 de setembro, foi ao Rock in Rio. Dor perseguindo.

Em 7 de Setembro, viajou de férias para o casamento de um amigo em São Paulo, mas com relato de peso e hipocromia nos MMII. Chegando em São Paulo, ele, que tem como profissão a de educador físico, tinha, por hobby, uma banda na qual tocava guitarra.

Dia 9 de Setembro. Pés gelados. Conseguiu tocar sentado com dor. Muito corticoide prescrito na emergência.

Dia 10 de setembro retorna para o Rio com as extremidades mais frias e pulsos filiformes. Emergências. Muitas. Diagnósticos diversos. Morfina, opiáceos. A dor persistia. Noites dormindo sentado. Mais emergências.

Podos distais frios, sinais isquêmicos. Eu já tinha certeza de que não era a coluna.

Resolvi encaminhar o paciente para a clínica da dor do setor de neurologia do HUPE no dia 19 de setembro.

Não era a coluna. O HUPE encaminha direto para emergência particular onde interna séptico, anêmico, sem pulsos distais. Minhas suspeitas começavam a denunciar o vulto de um comprometimento mais complexo. Oclusão arterial e venosa bilateral! Chuva de oclusões!

Dia 23 de setembro revasculariza o MIE e faz trombectomia bilateral.

Trinta e dois dias de internação. Quatorze dias de prostavasin. Pediosa esquerda ocluída. Alta para delimitar a extensão da oclusão. Trinta e dois dias sem investigação da causa.

Eu me especializando em estomaterapia, fiquei seis meses usando diferentes tecnologias para reduzir as chances de sepse cutânea e amputação.

Estávamos tratando da consequência de um evento súbito.

Mas qual seria a causa dessa chuva de oclusões? Paciente não fumante, educador físico…. A dor não passava com opiáceos, somente com corticoide.

Eu, com meus vinte anos de HUPE, com a expertise dos pacientes que já havia assistido, me sugeria algumas causas muito evidentes por conta do corticoide.

Liguei para a chefe de enfermagem da reumatologia e passei o caso já suspeitando que o paciente poderia ter alguma doença autoimune. Novamente o HUPE acolhe o paciente, com humanização e investigação.

Reumatologia do HUPE. Minhas suspeitas aceleravam meu coração. Muitos exames e clínica detalhada, detectaram a causa: vasculite autoimune de vasos de médio e grande calibre.

Acolhemos o paciente na hora precisa, pois a vasculite poderia ter comprometido outros vasos do organismo. Corticoide, imunossupressão, seis meses de curativo com tecnologias diversas para amenizar a expansão de uma possível perda.

Conseguimos, em equipe, manter a estabilização da doença de base. Há dois meses, ele passou por uma amputação transtibial do MIE. Sim, um

jovem homem, educador físico, sem comorbidades anteriores, não fumante, agora amputado. A perda poderia ter sido maior.

Sou enfermeira no HUPE há 20 anos, me especializando em estomaterapia. Junto com os médicos e enfermeiros da Reumatologia, conseguimos, através do trabalho de uma equipe multidisciplinar, desenvolver a melhor conduta para o paciente.

Hoje, mesmo amputado, ele sorri. Pois se viu morto. A perda do pé partiu com tudo aquilo que precisava ser renovado na vida dele. O relato é do próprio paciente.

O HUPE é a melhor escola de formação de equipes multidisciplinares, onde buscamos constantemente aprender, estudar e somar diferentes expertises para qualificar nossas práticas e humanizar perdas como essas.

Essa história é a do meu esposo… e meu paciente.

O HUPE me fez estar presente no (re)viver do meu marido, como enfermeira, estomaterapeuta e esposa.

Como diria Rubem Alves: “Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira.”

A pílula da cura tinha trabalho em equipe multidisciplinar e o amor de uma esposa.

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.”



Bruno Rangel Dibai



Uma vida de cuidado

Vidas que cuidam, vidas cuidadas. Vidas que, quase exauridas, de tão vividas, de tão cedidas, cuidam de tudo, de inúmeros mundos, em troca de nada. Meu mundo foi cuidado e viabilizado por uma dessas vidas, tudo o que conheço, ainda antes de conhecer a mim mesmo. Então, como eu poderia, apesar de todas as vidas que hoje cruzam o meu dia a dia, não elevar a tua? Meu maior significado de cuidado – um que paira, que não para, continua, se perpetua.

O tempo voa... E vai levando consigo boa parte da parte boa. Sua mão na minha mão no caminho da escola, no meu coração; e o seu coração em cada uma de minhas tardes à toa; lá, quando eu mal sabia o que era amor. É... É verdade. O tempo voa. Se perde no tempo e solta no vento bons e maus momentos, e urge; cure a quem cure, doa a quem doa. Mas o tempo e o vento – que sorte – às vezes brincam de redemoinho, perdem o norte e repetem caminhos; repetem dias e repetem meses. Repetem outubros há anos e anos, incontáveis vezes. E é outubro de novo.

É outubro de novo. Não tenho nada de novo, mas tenho tanto para colocar aqui que não cabe. Não cabe em mim, porque ela do nada fez tudo, o claro do escuro, e eu, daqui, a observo, em descrença, em reverência, mudo, e me afogo, e transbordo de amor e de orgulho. Não cabe nessa folha de papel, porque palavras normalmente, de tão ocas e leves e frias, por mais que sejam escritas e repetidas, permanecem meio roucas, embargadas na garganta ou entre os dedos, pouco transparentes e acovardadas. Logo, eu não sei como começar a fazer jus ao tudo dela com esse pouquinho aqui. Como compensar atitudes e o incansável arregaçar de mangas diário com palavras, que ganham voz e um corpo só seu a partir do conforto do sofá? A conta não fecha. Ai! Eu provavelmente

devia me calar, mas o mundo precisa conhecer e o legado há de permanecer, assim como ela, como ela, aqui, hoje, linda, viva, menina, criança outra vez, desde mil e novecentos e trinta e seis.

Ela nasceu com muito pouco de quase tudo, mas com uma pequena luz, que foi cultivando, expandindo e distribuindo, e com uma caixinha, que não se via, mas ela a tinha e a mantém, e dela não abdica por nada nem por ninguém. Ela, a partir do nada, deu tudo, tudo o que podia, da maneira que sabia. Deu de si mesma a cada um de nós, a cada um deles. Plantou, regou, arou, alimentou, abrigou, quase não brigou, acolheu, cuidou, amou. Ela iluminou e nos guardou.

Ela, na cabecinha dela, jamais seria matriarca de duas gerações, muito menos de três! Quem poderia imaginar! Só que ela, muito antes, foi irmã zelosa de Sônia, Benedita e Zezinho (que estejam descansando em paz), de Celina e de Custódia; foi esposa de um velhozinho metido a pescador de tarrafa de malha fina, negociante de bicicleta Barra Forte e amigo de Ciro e Chico Bebo; foi vizinha de Seu Zizinho e de Dona Zizinha; e foi mãe de seis meninas-mulheres, mulheres-meninas. Sua singela figura recobre em camadas de aparente fragilidade uma rocha que se mantém firme independentemente da tormenta e que assume todas essas formas: de irmã, de esposa, de vizinha, de mãe, de matriarca de gerações, de inabalável alicerce. Ela iluminou e nos guardou a todos. Ela nos ilumina e nos guarda em sua caixinha.

Ela é um ser humano de molde único, mas, ao mesmo tempo, ela é um ser humano como todos os demais, e o tempo passa para todo ser humano, e passou para ela; e durante sua passagem, trouxe pessoas, levou pessoas,

deixou coisas e tirou coisas. Ela ganhou; ela perdeu; ela lutou e sobreviveu. Ela foi ficando diferente. Ela encapsulou sua essência de maneira inviolável e foi, pouco a pouco, entrando em sua própria caixinha. Assegurou-se de que todos os seus pertences mais valiosos - desses que não dá para segurar com as mãos - e suas memórias mais caras estavam lá; expôs, uma a uma, suas pinturas mais coloridas e as histórias mais vivas nos murais ocultos de sua alma, onde a neblina ainda não chegara, e ali as selou, enquanto as demais foram progressivamente tendo os seus traços borrados e suas linhas impiedosamente devoradas. Ela, então, encaixou cuidadosamente a tampa sobre sua restrita dimensão e trancou o restante do mundo do lado de fora. Enquanto se deleita com a proximidade e a segurança de todas as lembranças que seletivamente manteve a salvo em seus arquivos pessoais, como sempre desejou, ela, que antes plantou, regou, arou, alimentou, abrigou, quase nunca brigou, acolheu, cuidou e amou, hoje colhe, é acolhida, quase sem gritos ou brigas; é cuidada, é amada e mantida debaixo das asas de seus seis anjos da guarda – soldados que obstinadamente marcham e habilidosamente equilibram a estabilidade de seus próprios mundos e a integridade do invólucro em que ela agora está. Palavras, juras e promessas tem sido honrosamente convertidas em ações, que a mantêm e a relembram, aqui, assim, como a temos e como a vemos.

E, vejam só, é outubro de novo. Não tem nada de novo, mas tem tudo de que precisamos e que queremos – o amor que entre nós compartilhamos e mantemos. Aqui estão todos de quem cuidamos e o início de tudo que conhecemos.

É outubro de novo e de novo, e a cada outubro novo, eu quero o antigo; eu quero o que o tempo levou consigo. Mas esqueça tranquila, vovó. Esqueça e não se canse porque eu sei que é muito; eu sei que não cabe. Por mais que a fumaça, porém, me apague de ti e meus olhos afoguem meu peito, eu me lembrarei de que seu coração para sempre sabe – mesmo que todo o seu céu se anuvie, mesmo que sua caixinha se esvazie. Ainda é outubro, vovó. Então, enquanto estamos aqui, segura minha mão e me abraça. E me guarde nas tardes à toa enquanto a vida passa, enquanto o tempo voa.

Carla Regina Siqueira Figueiredo

Meu nome é Carla Regina Siqueira Figueiredo, sou Enfermeira do Plantão Geral, trabalho no Hupe há mais ou menos seis anos (digo mais ou menos porque já fui TPB [Treinamento Profissional com Bolsa], na Enfermaria de Cardiologia em 2010/2011/2012, logo, "ando" pelo Hupe há muitos anos...)

Lógico que não me faltam histórias, mas há algumas que nos marcam realmente e hoje eu vou contar a história de uma paciente que chamávamos carinhosamente de Dona Naná, na Enfermaria de Cirurgia Vascular. Infelizmente não tenho mais o contato dela, pois o que me marcou nela foi a incrível arte da resignação.

Ela já havia perdido TODOS os seus filhos, seu marido e estava prestes a perder sua perna; entretanto, *jamais* a vi reclamar ou não sorrir. Era tocante a força emocional daquela mulher!

Ela era idosa, morava sozinha, não tinha mais familiares e, sempre que chegávamos para perguntar qualquer coisa, ela sempre dizia que estava bem, sempre sorrindo, sempre falando de Deus e dizendo que tudo que Deus fazia era bom.

Fiquei completamente chocada quando fui dar o primeiro banho dela, já amputada. Eu, com muita pena daquela idosa, que morava só. Deus, como seria o futuro dela? Pobre, amputada, sem ajuda…?

Fiz questão de ir pessoalmente levar a cadeira higiênica, apesar de serem os técnicos os responsáveis pelo banho. Eu queria dar a ela esse carinho...

Cheguei com a cadeira, com meu coração despedaçado, por vê-la sem a perna esquerda, e para a minha perplexidade total, ela me surpreende outra vez, dizendo:

"Por favor, não me ajude!"

Eu:

"Como assim, Dona Naná? A Senhora está amputada, é idosa, há risco de queda! Que isso? Não posso deixar de ajudá-la. Acabou de ser operada!"

Ela disse:

"Eu não vou morar com ninguém. Se você me ajudar, vai impedir que eu aprenda a viver sem a perna!"

Eu, muito aturdida, até pelo receio de ela cair, segurei a cadeira, mas deixei um técnico em alerta bem próximo, caso ela se desequilibrasse...

Pois ela não só passou sozinha, como tomou banho sozinha, retornou para o leito sozinha e, quatro meses depois, mandou-me um vídeo, varrendo a própria casa, com uma prótese, completamente adaptada, para o meu total estarrecimento. Uma enorme lição de vida!



Carla Ribeiro Queiroz



Eu fui diagnosticada com Arterite de Takayasu com 11 anos em um dos postos da comunidade. Desde então, sou atendida em quatro hospitais, mas pude ver que medicina boa não tem local e sim amor e dedicação, não importa o lugar.

Hoje, tenho uma seleção de anjos - médicos dedicados e que têm muita empatia pelo próximo, o que esperamos das próximas gerações.



Christianne



Mais uma história de corredor

Assim que eu falei que ia me aposentar, os alunos, que estavam na enfermaria da pediatria, exclamaram em coro: “Como assim, professora?!”

São quarenta anos, respondi apressada e ao mesmo tempo pensativa. São quarenta anos pisando nesse corredor da pediatria. Quarenta anos de histórias para contar.

Quando, ainda no terceiro ano da faculdade de medicina, iniciei colhendo histórias dos pacientes internados, não imaginava que também teria tantas histórias para contar.

A lembrança mais antiga foi em uma enfermaria de clínica médica colhendo minha primeira anamnese com um paciente portador de mieloma múltiplo. Ele trabalhava como porteiro do hospital e tinha muitas histórias para contar. Estava bem doente, mas eu, no início do meu terceiro ano, não sabia que essa doença era tão grave. Na manhã seguinte, ao chegar à enfermaria, olho direto à procura do paciente para dar bom dia. Mas encontrei seu leito vazio. Ainda com pouca intimidade com o pessoal da enfermaria, fiquei sem perguntar nada. Durante a aula prática, meu professor comentou, sem muitas explicações, que o paciente havia falecido. Esse que havia sido meu primeiro paciente real da faculdade havia ido embora sem despedidas. Sr. Domingos. Acho que nunca vou esquecer seu nome.

Tem as histórias dos plantões gerais do sexto ano, no internato. Passava muito sufoco para ir, de madrugada, buscar alguma radiografia no setor de radiologia. Isso mesmo, não tinha radiografia na tela do computador!

Fiquei presa sozinha naquele elevador sinistro da radiologia, sem celular, é claro. Isso não tinha em 1986. Tinha medo de circular sozinha nos corredores desertos, mas era interna do plantão geral! Tinha que encarar!

Depois veio a residência de pediatria, no HUPE também. Uma alegria só ter entrado na residência no mesmo hospital que fiz minha formação. Muitos plantões, muitos amigos para a vida toda e muitas histórias de crianças doentes. Uma lembrança muito querida foi de um paciente renal crônico muito engraçado e alegre, apesar de estar bem doente. Passamos um plantão de Natal na sala do plantão geral com ele, pois a família não veio buscá-lo para o Natal. Os pediatras ficavam no plantão geral junto com todos os plantonistas e era muito legal.

Terminada a residência fui convidada para ser chefe de plantão da pediatria. Assim, foram mais de vinte anos no plantão de terça-feira, com um bipe na cintura para ser encontrada em qualquer local do hospital, pois celular ainda era só nos desenhos dos Jetsons.

Um som inesquecível para ficar na memória é o da telefonista na "boca de ferro", vulgo alto falante, chamando um pediatra em algum setor.

Assim foram esses anos, de plantonista para médica concursada e depois para rotina da enfermaria, sempre ouvindo as histórias das crianças e aprendendo com elas.

Estou deixando o HUPE com o coração cheio de histórias de cuidar e de ser cuidada, mas seus corredores e suas histórias estarão sempre no meu caminho.

Ernani Braga

Era um dia comum de domingo, na primeira metade dos anos 80, em data incerta para mim. Eu, como sempre, chegava ao plantão às 8 da manhã e, logo ao me aproximar da entrada lateral dos ambulatórios antigos, por onde todos entravam no HUPE naquela época, fui interrompido por um guarda de trânsito, que me informou que deveria me preparar para uma confusão, pois o trânsito na 28 de Setembro estava já interrompido, uma vez que haveria ali um desfile de vacas!

Prefiro, diante da inusitada informação, reproduzir o inacreditável diálogo da conversa:

- Pois é, doutor, uma propaganda de um novo produto comercial, o Leite Rio, contratou um carro com autofalante, além de um experimentado puxador de rebanhos, que, com seu berrante, conduzirá cerca de cem vacas pelo meio da rua.

- Não posso acreditar nisso, diante de um Hospital!

- Nem eu acreditaria, se não tivessem me avisado que as vacas já estão a caminho!

- Mas, me diga uma coisa: e se as vacas se dispersarem?

- Ah, ah, ah! Isso não vai acontecer, porque o homem do berrante é muito experimentado!

- E o barulho do berrante, proibido diante de um Hospital?

- O doutor sabe que ninguém pensou nisso?

Que o domingo era o dia de festa todo mundo sabia, mas por essa ninguém esperava. Me despedi do guarda e subi, para preparar os componentes do plantão para o que pudesse acontecer.

Fomos para a janela da Cardiologia, no segundo andar, para assistir ao

inusitado desfile. Meia hora depois, chegou o carro; pouco depois, vinha o homem do berrante, conduzindo mais de cem vacas, que mugiam alegremente pelo meio da Avenida.

Tudo ia parcialmente bem, quando, talvez para homenagear a plateia, que se acumulava nas janelas das casas e demais construções, o condutor resolveu improvisar. E deu uma soprada no berrante, que, provavelmente, fora do padronizado e do tom, assustou as vacas, que, sem qualquer cerimônia, se espalharam pela avenida. O homem soprou de novo o berrante e aí, a tragédia se instalou!

As vacas, percebendo que ao lado do Pedro Ernesto havia um grande jardim, do Colégio João Alfredo, sem qualquer dificuldade, arrombaram o portão e calmamente, entraram para comer a sua graminha.

Desesperado, o homem do berrante soprava a esmo, na impossível tentativa de reunir os animais, que nada destruíam, apenas faziam a sua refeição matinal, acabando com o ornado jardim do colégio.

O carro de som parou de fazer a propaganda do Leite Rio, e os problemas começaram no Hupe. Minha R2 de plantão, numa crise de gargalhadas incontroláveis, desencadeou crise asmática, tendo que ser medicada ali mesmo, próximo à janela; na rua, a polícia entrava em ação, sem saber se prendia o condutor ou se tentava reunir as vacas.

A situação só se resolveria três horas depois, quando, chamados de emergência, os funcionários do Colégio conseguiram controlar as vacas, talvez porque elas já estivessem satisfeitas de comer a grama do seu jardim.

O carro de som fugiu. Do condutor de berrante, ninguém nunca mais

ouviu falar. E o Leite Rio, que eu saiba nunca lançado no mercado, coalhou na sua primeira experiência pública!



Eveline Candeco Derzi Pinheiro



Câncer

Pode ser traumático, iatrogênico

“Ele está bem, sem câncer”.
Repito para mim mesma enquanto o som do couro cabeludo se desprende do crânio e ressoa nos meus ouvidos.

“Ele está bem, sem câncer”
E fala “aí” baixinho na tentativa de mostrar que existe alguém debaixo daquele pano azul que cobre o rosto,

“Ele está bem, sem câncer”
Com as extremidades frias, bocejando, com baixo débito, com pouca lidocaína e muito sangue.

“Ele está bem, sem câncer”
A ausência justifica o trauma, aquele pedaço de carcinoma dentro do pote me consola. Já a violência ficou suturada no que restou do couro cabeludo daquele pequeno senhor, e registrada na minha cabeça.



Isabel Rey Madeira



Triste, mas feliz

Eu dava plantão no HUPE no Domingo, como pediatra, numa época em que eu era a única pediatra no plantão. Dava assistência desde recém-nascidos internados, inclusive gravemente enfermos, até crianças grandes internadas, inclusive gravemente enfermas e algumas fora de possibilidade terapêutica. Sem contar os inúmeros atendimentos externos.

No berçário patológico - era como se chamava a unidade onde ficavam os neonatos graves, pois não havia unidade de tratamento intensivo como atualmente - cheguei a batizar bebês que estavam muito graves e poderiam falecer. Claro que se a família fosse católica e autorizasse. Fazia isso com soro fisiológico, pois para batizar, na religião católica, é com sal e água. E fazia uma reza com a família. Alguns bebês faleciam, e em pediatria é a coisa mais triste. Nesses casos, procurava um local onde pudesse dar a notícia para a família, de forma calma e carinhosa, mas por dentro sofrendo muito. Permitia que a mãe ninasse seu bebê morto o tempo que quisesse, vivendo assim (o início de) seu luto. Não era nada fácil, mas eu sabia que meu sofrimento nem de perto chegava ao daquela mãe ou pai.

Lembro que uma noite, após ter acontecido da forma que conto, e após assinar atestado de óbito, fui para o quarto dos médicos tentar descansar. E adormeci. E tive um sonho em que segurava do meu lado, na cama, aquele bebê enroladinho no lençol. Acordei e estava abraçando, do meu lado, o lençol embolado. Fecha o pano. Alguns poucos anos depois, não sou mais plantonista, mas pediatra do ambulatório de pediatria, meu lugar. Participava de uma campanha de vacinação num sábado, e veio uma jovem, toda feliz ao me ver, empurrando um carrinho de bebê.

“Lembra de mim, doutora Isabel?”, disse ela. Não, eu não lembrava, respondi. “Pois foi a senhora que batizou meu bebê no seu plantão, no dia em que ele morreu... E olha que outro bebê lindo eu tenho agora!” Isso me deu uma emoção e uma alegria tão grande, de ter cumprido meu dever de forma humana, que até hoje, quando me recordo da cena, me emociono.

Jardilene Perci

Eu, Jardilene, tive grandes experiências com muitas doenças, pois convivi com muitas pessoas doentes e ofereci a elas meu amor.

Hoje, neste hospital, estou em busca de saber o real problema de minha filha e confirmo que a lei da semeadura é real. Aqui, encontrei amor, carinho e muita, muita atenção. O mais extraordinário é que os médicos e os estudantes fazem isso brincando. Nos dias de consulta, minha filha se sente feliz, e comparece com alegria e amor. Por isso, gostaria de deixar meu agradecimento a essa equipe espetacular. Obrigado a todos.



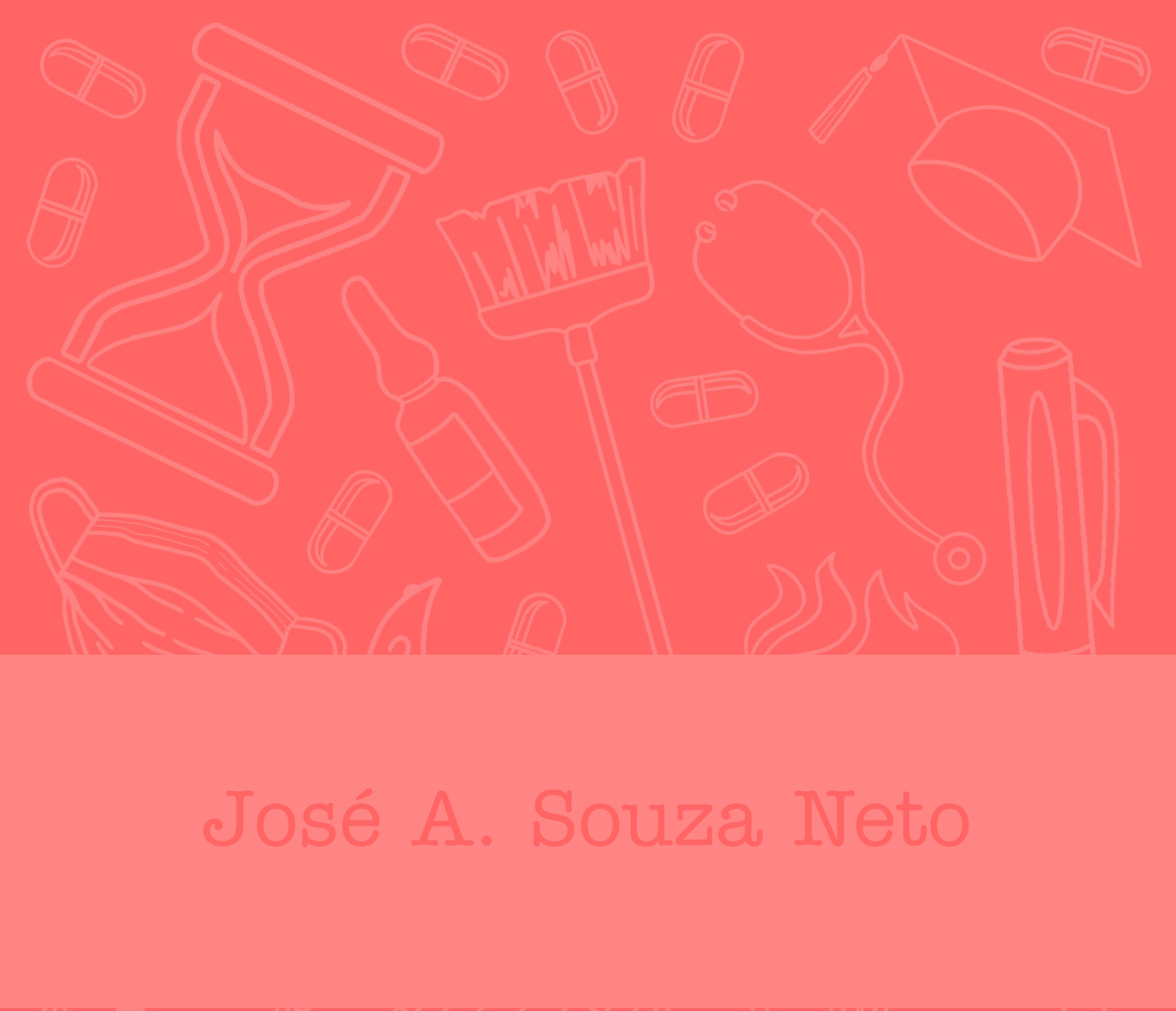
João Victor Labanca Beskow



14 de Março de 2020, parece que foi há muito tempo que meu colégio emitia uma nota cancelando as aulas por duas semanas por causa da então misteriosa doença, que poucos esperavam que fosse colocar o mundo em um estado de emergência por mais de dois anos. Confesso que, à primeira vista, o lockdown não era algo ruim, já que eu não precisava acordar cedo e podia não me importar com a matéria escolar, pequenos prazeres que circunstâncias normais não me proviam. Porém, havia um clima de angústia na casa, tanto pela logística relacionada aos cuidados contra a infecção ("como vai ser quando não tiver comida?" "É necessário lavar tudo que comprar?"), quanto pela mortalidade do Sars-Cov-2 noticiada pela mídia. No meio desse caos do final de março, meu pai avisou que voltaria para casa. Por um pouco de contexto, ele trabalha em ciclos de 14/14 ou 21/21 dias de trabalho com folga (com raras exceções de passar meses em outros países, não aplicado no caso). No momento, ele estava em Campos dos Goytacazes e primeiro de abril foi o combinado pela empresa para voltar ao Rio de Janeiro e, chegado o dia, meu pai foi deixado em casa pelo motorista contratado, tomando os cuidados preconizados à época durante o deslocamento, porém, algo mais o acompanhava. Ele estava tossindo seco, não sentindo cheiro nem gosto, ou seja, os "sintomas clássicos" de COVID (quem diria que juntar mais de 500 pessoas de todo lugar do país que tinham festejado recentemente o Carnaval em um navio e uma doença de transmissão direta poderia infectar alguém?) , mas, ainda sim, uma espécie de negação percorria a nossa mente, "meu pai sempre voltava do trabalho meio mal com sintomas gripais, mesmo antes disso tudo", "ou pode ser apenas uma

mentira condizente com a data" (o que seria de extremo mau gosto) eu lembro de pensar durante esse período. Mesmo assim, ele ficou em isolamento constante em seu quarto, com minha mãe preparando e entregando comida na porta, que ficava intocada por ele não sentir gosto. Ficamos esperando-o melhorar, mesmo depois da saturação de O2 cair para níveis mais e mais baixos e a insistência da minha mãe de levá-lo ao hospital o mais rápido possível, ele, impassível, queria deixar o sistema imune funcionar e se curar naturalmente. Porém, 3 dias depois, na noite de sexta para sábado, ele sentiu-se sufocado ao deitar-se, sinal de que seus níveis de saturação de oxigênio estavam muito baixos e ele finalmente cedeu e decidiu ir ao hospital com a minha mãe quando acordou. Na recepção lotada do Hospital Italiano, no Grajaú, ambos estavam na manhã de sábado, de máscara e com medo do que o futuro lhes reservava, meu pai preocupado com seus sintomas, minha mãe, preocupada com o marido, mas também com possivelmente ser infectada e me infectar também (principalmente por nós dois possuirmos comorbidades) agravado ainda mais pelas outras pessoas também esperando atendimento não terem os cuidados básicos de saúde (uso de máscaras, botar a mão na boca ao tossir ou espirrar). As notícias a deixaram ainda mais nervosa: meu pai teria de ser internado. Ao me contar a notícia, já em casa, chorei e não pude fazer nada além de esperar, lembro, inclusive, que fiquei com insônia nesse período e pesquisei, já às 4 da madrugada, orações para ele melhorar. Pensei seriamente que perderia meu pai de COVID. Felizmente, depois de 3 dias internado e com melhora sintomática, ele recebeu alta e pôde voltar para casa. Ao ser perguntado sobre sua experiência

recentemente, ele relatou que parecia que o tempo não passava, com a única marcação temporal sendo os horários das refeições, entrepostos por períodos grogues entre um estado sonolento e de semi-vigília, falou também do temor que sentia quando um novo dia chegava por causa da possível morte de um colega de leito. Mesmo depois de melhorar, sinto que essa infecção do meu pai me marcou, tanto pelos próximos 6 meses que o exame de PCR dele deu positivo, tanto pelas sequelas, até hoje pouco clarificadas, da infecção por esse vírus, a perda de peso ponderal e os danos mentais (a mãe dele teve Doença de Alzheimer e tenho medo de que a COVID possa ter acelerado esse processo nele) que esse período o trouxe deixou marcas que perduram mesmo 3 anos depois. No ano seguinte, com o afrouxo das medidas do lockdown, voltei à escola e percebi que tive sorte; meu caso poderia ser parecido com a Mariana Castro, que perdeu a mãe, ou o Pedro Gonzaga, que perdeu o pai na pandemia, mas o que mais me marcou foi como tudo parecia ter sido esquecido num espaço de tempo muito curto, fora alguns alunos de máscara, a pandemia estava praticamente abolida no colégio e alguns de meus colegas, inclusive, se recusaram a tomar qualquer vacina por não confiarem nela. Por fim, o que mais me assustou foi o fato de que meus pais estão envelhecendo e um dia vou perdê-los, algo certo de que ainda ronda minha mente, principalmente por ser o filho mais novo, sinto que terei menos tempo com eles do que meus irmãos.



José A. Souza Neto



Homens - seres entendidos como seres holísticos. Desse modo, será necessária uma abordagem integral por parte daquele que tem a missão de curar. Ter uma visão panorâmica do todo é fundamental. Cada uma das partes do todo precisam ser consideradas: a física, a mental e a espiritual.

A ciência tem transitado por campos ainda pouco conhecidos. Há muito mais do que o ser quântico, formado de partículas atômicas e subatômicas. Há o ser espiritual e inteligente, que domina e comanda a parte quântica subordinada às leis.

A medicina, como atividade humana, não pode prescindir desses conhecimentos, sob pena de falhar na sua missão.

Juliana Barreto de Almeida Ribeiro

O lobo mau

“Ele é um lobo mau, mamãe.”

Eu tinha apenas onze anos quando recebi o diagnóstico e compreendi como se desenrolariam cada um dos demais. O primeiro rash malar, a queda de cabelo, o resultado da biópsia e inúmeras perguntas. Sabíamos o nome, mas não tínhamos ideia do que significava. O doutor Luiz Clóvis foi minha primeira fonte de acolhimento e cuidado. Ele me guiou os primeiros passos na jornada em que permaneço até o dia de hoje.

Os primeiros meses foram difíceis e tornaram os meus dias um desprazer; fizeram da minha vida um local onde eu não queria estar, e, do meu corpo, um recipiente que eu não desejava habitar. Flutuações bruscas em meu peso corporal e mais queda de cabelo – receitas certeiras para o bullying, que à época atendia por outros nomes, que das vítimas faziam culpados, réus. Remédios para a doença? Havia. Aderia piamente? Pergunte ao meu vaso sanitário. Minha mãe provavelmente diria que sim. Eu precisava de medicamentos que curassem a vida! Nem doutor Clóvis, nem ninguém no mundo os tinha…

Aos 15 anos, conheci dois outros integrantes do elenco macabro que, com impecável desenvoltura, ocupava cada centímetro do tablado que eu ia me tornando. Foi a primeira atividade severa da doença. Um couro quase sem cabelo e um rio que, de tão indomável, pulverizava as frágeis barragens que eu ainda era capaz de erguer e invadia o tal do terceiro espaço. Tinha um outro rio, só meu, que extravasava através dos meus olhos, até um dia secar. Minhas articulações chamejavam, pulsavam, cintilavam; e eu, atrás das cortinas fechadas, ferida pelo sol e pelo frio, no escuro. Do escuro,

adquiriu forma um buraco negro, que devorou a escola e a loja; imensas, abstratas, um castelo de cartas; nascidas e assassinadas nos domínios da minha própria mente. Eu nunca as terei.

“Tá olhando pra onde, fessora?” Ecos que o vento traz e o tempo não desfaz. Minha visão, meus olhos – assim como minha audição – jamais foram os mesmos. Na escola, que não era a dos sonhos, a vítima se tornava o réu dia após dia. A licenciatura foi mais uma presa indefesa do buraco negro.

Em um solo de sonhos roubados e objetivos convertidos em sésseis idealizações, não há muito que floresça. Duas entidades, no entanto, prosperam e te amordaçam, e trancafiam-se nos bastidores contigo, onde olhos outros não chegam. A depressão e a ansiedade caprichosamente cerzem mais um estrato de tecido, do teto ao chão, e hasteiam a bandeira branca a meio mastro…

Mas não. Nem mais um milímetro acima. O matrimônio e a maternidade têm me feito manter a bandeira onde está. O amor também é cria do deserto; é impermeável às águas; é resistente ao frio; é cego aos defeitos da carne. Há quinze anos, entregue à aridez, eu fui vista pelo amor e, há dez, gerei amor. E, sim, filha. Você sempre esteve certa. O lúpus é um lobo faminto. Seus dentes cravados em minha pele, até a alma, me lembram disso a cada hora. A cada minuto, porém, o amor me sopra as feridas e a fé que aprendi a enxergar, pouco a pouco, as cicatriza. E enquanto vocês estiverem, eu olho o lobo nos olhos, cerro os punhos banhados em escarlate vivo e não me rendo.



Julio César M. do Nascimento



Uma história de muitas histórias

A vida é dura para quem não tem dinheiro, ainda mais preto e pobre como eu. Se eu não fosse Rizonete, moradora da favela Renascer, poderia ser milionário como muitos homens são? Descobri há dois anos que possuo várias doenças crônicas. Talvez seja exagero, mas tenho duas - varizes e gastrite. Consegui um bom acompanhamento pelo SUS, mas é complexo. Gasto, por mês, mais de 300 reais com medicação, fora as necessidades básicas; e ainda tem "taxa de segurança". Pra viver, sobra pouco.

Os médicos que me atendem são como anjos, além dos enfermeiros, sempre prestativos. Mas eu sinto que só medicamentos não bastam pra me curar. O médico ocidental foca muito na doença em si e não no paciente. Os remédios não tratam as raízes do problema, que na maioria das vezes é mental. Sofri e sofro abusos constantes na rua - homens me assediando todo dia. Tenho uma pressão (depressão?) diagnosticada quando era pequeno por um psicólogo do SUS, porém nunca mais consegui ter acesso a uma consulta, quem dirá a uma terapia! A medicina é muito boa, teve muitas mudanças, teve muitos avanços; ela deveria ajudar todas as pessoas como eu, que perdem seis horas no deslocamento casa-trabalho com ônibus lotado e são expostas ao estresse todo dia. Penso que, se a sociedade desejasse realmente curar as doenças, a exploração dos trabalhadores e a concentração de renda acabariam. Todo atendimento médico deve ser feito com o auxílio de psicólogos e psiquiatras bem treinados. Minha história é parecida com a da grande maioria dos cidadãos desse país, que não têm direitos, respeito, nem voz. Quem ouve

nosso silêncio não escuta e nem se importa com nossos gritos e choros de agonia.



Lara Lima Kleinsorgen Motta



A ampulheta da vida

Quanto tempo tenho até que o tempo não importe mais?

Quanto tempo até o tempo ser só passado e o hoje infinito?

Quanto tempo até o tempo me encontrar?

Não adianta tentar entender o que não se entende

Não adianta tentar ficar quando se vai

Esqueça o que tentou e só faça

Não esqueça o que fez e pense

Pense se o que fez,

só te fez perder o tempo

antes que ele

não importe

mais

Letícia da Silva M. Vasquez

Ninguém é feliz sozinho. Precisamos, na vida, de cuidar e também de ser cuidado.

Essa troca de sentimentos, essa prática de amor é mágica; nem sempre é fácil.

Mas, onde sofre o meu irmão, eu também estou sofrendo nele. Costumamos dizer na minha casa que é fácil amar o conhecido, já o desconhecido…

Peço todos os dias a Deus para que eu possa me esvaziar de mim mesma; para que assim eu possa encher-me dele. Amar como Jesus amou. Sentir o que Jesus sentia. Viver como Jesus viveu. E a cada amanhecer ter certeza de que tudo já deu certo. E que a cada dia posso viver uma nova história e ser uma pessoa melhor.

Creio que Deus coloca anjos em nossas vidas. E nessa confiança eu caminho em paz.

Gratidão a Deus, a vida, a família, amigos…



Ludmila Luíza Cunha de Souza



Eu nunca fui uma moça bem-comportada e, ao mesmo tempo em que eu sabia disso, também era claro e certo que tive uma infância repleta. No fim das contas, são as dúvidas que se destacam (não é certo, mas é quase, quase sempre): E se eu não tivesse, e se eu tivesse? É aquela história da vida, a que poderia ter sido e não foi, um epitáfio a ser repetido por (quase) todos, afinal "de certa mesmo é só a partida."

A morte é certa, para (quase) todos... "Ah, foi um descanso! Coitado, estava sofrendo tanto", "Ah viveu muito, a idade já era tão avançada".

Os jovens não morrem e nem podem morrer, as crianças não morrem e não podem morrer, eu não posso morrer e os médicos nunca morrem.

"- Nossa, eu trouxe esses ovos de pato, lá da roça. Ninguém aqui em casa come ovo de pato, vou levar para o mercadinho tentar vender. Sabe que isso é bom para quem está para morrer, mas não consegue, né?" Sim, eu ainda era moça e o seu Agenor, pai da Zinha (vizinha da mamãe) estava muito mal. Era problema de gota, do coração e já nem respirar sozinho o véio fazia. Aí no hospital avisaram: "Ó não tem jeito não, ficando aqui ou não isso aí não vai resolver", então voltaram com Nonô para a casa, mas ficou lá na cama, do mesmo jeito, no mesmo jeito ("o senhor tem é uma escavação no..."). Faltava era força para ele morrer, é... Para morrer a gente tem que fazer força, força mesmo, e ele estava fraco. Então pedi para o Oribes buscar por ali perto quem tinha pato em casa, num deu nada e ele veio com três. Fizemos uma gemada de ovo de pato, seu Nonô sentou na cama, tossiu, tossiu fundo, respirou chiado que ouvia na cozinha e aí foi que ele conseguiu morrer. "Para morrer a gente também precisa fazer força sabia?"

Fiquei pensando nisso, fiquei muito. Meu pai bem cedo me avisou, que era para ficar a três palmos do chão, “fique pequenininha”. Como nunca me comportei: Cresci! Quem sabe já era velha, desde aquele tempo...

Ultrapassei o aviso de três palmos, apressada correndo e não demorou muito para ficar sem o meu primeiro preceptor. Eu não entendia doença, achava que comer arroz, feijão e carne curava tudo, que não podia comer manga com leite e que criança que brincava com fogo fazia xixi na cama! Pode não!

Eu entendia que ele estava indo e que, para ir embora, gasta energia de muito arroz com feijão... Emagrece, cansa dói (voltar lá na parte do ovo do pato).

Já falamos de ovo de pato e eu também já fiz uma lista de quem é imorrível, fui correndo e deixei de falar que pai e mãe também não morrem. Abaixei três palmos e repito: Não morrem.

Talvez precisemos de força e permissão para morrer. Lembrei que as pessoas ficam é encantadas e ele encantou mesmo.

Nas últimas correrias e maratonas precisei parar. Fiz foi dez anos de medicina e faltou fôlego para quem esteve sempre com muita pressa.

Parei de respirar no papel de quem coleta dados, nomes, idades, pesos, comorbidades e queixas, para aprender a dizer o que sentia e quando e como e em qual intensidade e o que melhorava e o que piorava e um escala de zero a dez, em que zero é sem dor e dez é um dor insuportável (meu DEUS DO CÉU)... Fiquei com medo de poder sentir algo pior do que aquilo, medo de ser possível e achei prudente dar nota nove.

Aprendi tudo, de novo. Qual seria o nome do curso de graduação que

forma pacientes? Qual nome das disciplinas, qual a carga horária total do curso, como seriam a ementas, como seriam as avaliações e seus critérios??? Voltamos para as dúvidas, como eu disse.

Caso possível ensinaria perda de privilégios... Troca a roupa branca pela camisola e ouça: Todo aquele caso, com sintomas e sinais, agora é sobre você. Ser paciente é bem chato.

Tenho pensado muito no meu pai, especialmente quando fomos convidados para tentarmos nos colocar no lugar dos pacientes (especialmente daqueles que se mostram mal-humorados e pouco amigáveis com aqueles que os atendem). Foi então que eu senti, calma e profundamente, aquilo que já havia racionalizado e verbalizado, para poucas pessoas e também para mim, mas agora em um formato mais claro: Eu nunca sou, só, médica... Já estive e sempre vou estar do outro lado da mesa. Dessa forma e sendo somente uma, quando guardar meu esteto no bolso e colocar meu jaleco, estarei vestindo ao mesmo tempo a paciente.

Serei as duas, ao mesmo tempo e sempre.

Nos últimos tempos revivi muitas lembranças e, ressenti, cada uma, cautelosamente.

Meu pai sempre teve uma leveza e um bom humor que não puderam ser mensuráveis. Eu, crescida, gostaria muito de poder dizer: “eu sei, pai, eu sei”. Pensei isso e me doeu muito, por não ser algo possível. Só vai ser vivido nos meus pensamentos, dentro do limite daquilo que consigo contemplar.

Depois de reviver e ressentir tudo, firmei um juramento possível: O de

sempre olhar fundo com os meus pacientes e então dizer que eu estarei ali, envolvida com todo empenho e fé.

Não deu para convivermos por muito tempo, mas por algum encantamento, magia ou conto, ele está vivo, comigo, em mim e estará ainda mais na pessoa que estou trabalhando e me esforçando, para conseguir ser.



Maria Eduarda Aragão Costa



Mais um "dazol"

Doutora, preciso renovar meu riocard pra poder ir nos lugares RISOS RISOS RISOS Não tô rindo de nada não Eu preciso de fluconazol também, não to coçando, mas tá saindo uma secreção branca e eu sei como é candidíase Doutora eu quero remédio pra verme também, onde eu moro a gente planta os próprios vegetais e ai a gente vira e mexe tem umas minhocas que saem da gente e entram de novo RISOS RISOS RISOS Doutora você vai fazer meu exame ginecológico? To sentindo umas verrugas também Doutora eu sou dona de várias lojas de roupas de marca, eu que faço a costura pra elas, se vc for em qualquer shopping pode falar que eu mandei te darem uma roupa pra você ficar mais arrumadinha RISOS RISOS RISOS Doutora eu tive relações na segunda-feira à noite, não queria mas depois gostei pegaram 1.500 reais meus e jogaram 50 na minha cara Você sabe eu sou dona de vários hotéis famosos aqui no Rio, Bariloche é um deles, mas assim os caras vem e moram no que é seu sem pedir e sem pagar, colocam todo mundo lá dentro e ninguém respeita se você fala alguma coisa leva porrada RISOS RISOS RISOS Não doutora eu não quero pílula do dia seguinte, eu quero ser mãe, tenho 48 anos daqui a pouco não posso mais e o presidente roubou meus 3 filhos pra cuidar, não me deixou com nenhum Doutora eu não uso camisinha e nem nenhuma outra coisa, fazem quando querem e onde querem comigo Doutora você sabe né, eu que cubro as notícias e fabrico os jornais né e tem um cara que mora lá nos meus hotéis que você nem imagina que é o melhor operador de câmera que existe, tem que ver as fotos e filmagens dele Doutora quero fazer os testes rápidos sim, mas

assim já tive sífilis e hepatite B RISOS RISOS RISOS Mas então pode renovar o meu riocard? Espero sim espero sim espero sim RISOS RISOS RISOS

E do mesmo jeito que ela entrou, ela saiu do consultório. A notícia ficou velha. Contudo, deixou a minha mente no olho de um furacão e o meu estômago na boca. Abaixei a cabeça, respirei fundo e plano: Escuta ativa. Renovo Riocard, realizados testes rápidos, ofereço método contraceptivo e converso sobre educação sexual e direitos das Prescrevo Metronidazol 500mg 12/12hs VO por 7 dias. Entra um novo paciente.



Marina Oliveira Rodrigues



Desculpe-me, Mila,

Eu não te vi morrer. Embora eu estivesse lá com você o tempo todo, eu estava preocupada demais em te fazer sorrir, em tentar te (me) fazer esquecer o que você estava vivendo.

Eu não te vi sofrer, eu não te vi chorar, eu não percebi seu olhar de medo, eu não percebi seu olhar de angústia, eu não vi as marcas no seu corpo. Eu neguei que você estava partindo...

Eu não perguntei como você estava (de verdade). Eu chegava (sorrindo) e só esperava você me dizer que estava tudo bem, mas não estava... e eu não percebi.

Eu não percebi, porque eu nunca consegui acreditar que, um dia, você poderia partir assim - linda, jovem e sorridente.

Nós éramos universitárias, alegres, saudáveis, até que o mundo se dividiu entre o lado de fora do hospital, de onde eu te trazia os sorrisos e as notícias do mundo, e o lado de dentro, de onde você não mais sairia.

Eu que te vi brincar, crescer comigo, viajar comigo, sonhar comigo.

Eu que te dizia: Vamos jogar baralho? Eu posso pedir para sua mãe para você dormir lá em casa? Vamos nadar? Faz dupla comigo? Quer andar a cavalo? Vamos comprar pão para a vó? De quem você gosta? Me empresta uma roupa? Que curso você quer fazer?

Por que não consegui dizer: Onde dói? Como estão seus exames? O que você está sentindo? Você está com medo? Você está respirando melhor? O que o médico falou? Quer conversar sobre isso? Você se sente sozinha?

Agora eu não sei se doeu, eu não sei o que você sentiu, o que você sofreu, no que você acreditava, no que você pensava.

Eu não sei porque eu não quis saber, porque eu achei que, negando isso, tudo iria passar mais rápido e, quando você voltasse para casa, a vida voltaria ao normal.

E nunca mais voltou...

Eu fechei os olhos para o inquestionável: todos nós morreremos um dia, mais cedo ou mais tarde, independentemente das nossas preces, das orações de quem nos ama, da nossa juventude, da nossa aparência, da nossa força, do tanto que amamos viver.

Eu ainda sonho que você está aqui com a gente, mas já se passaram 13 anos. Às vezes eu penso que você só está viajando, que vai voltar e vai me contar tudo o que eu não tive coragem de te perguntar.

Eu ainda conto nossas histórias. Eu tento fazer você parecer viva, porque eu queria que não fosse verdade.

Desculpe-me, Mila,

Eu não te vi morrer, embora eu estivesse lá com você o tempo todo.

E eu que virava as noites conversando com você não consegui te ouvir, mas te vi dormir, em silêncio, para sempre.

Agora eu sou um poço de perguntas sem respostas…



Marina Soares Alves Fernandes



Fazendo anamnese por leitos e enfermarias, encontrei um paciente que queria me contar um pouco sobre os pensamentos que tomavam espaço em sua mente. Suas reflexões são de tamanha sabedoria, que não poderia de deixar de compartilhá-las.

-Doutora, você já parou para pensar sobre o significado das palavras?

Como apenas 26 letras do alfabeto conseguem determinar

quem SOMOS

o que POSSUÍMOS

PARA onde vamos

e DE onde viemos?

Como um único ser embaralhou apenas 26 letras do alfabeto e apontou o meu começo ou

fim?

Como um dicionário tem a autoridade de estabelecer um significado fechado para um embaralhado de letras?

Parei por alguns instantes e percebi que não saberia responder. E, mesmo assim, ele continuou sem hesitar:

-Pense mais um pouco: como um médico - que, teoricamente, não tem o controle sobre a linguagem - com essa mistureba de letras conhecidas me define com palavras totalmente desconhecidas?

A partir de hoje, decidi ser quem quero e vou misturar o mundo ao redor com o meu olhar porque quem falou que essa tal de diabetes não pode ser a mulher do diabo e, por isso, todos têm muito medo dela? E quem determinou que a noctúria que mainha tem não seria dormir demais, já que é isto que observo?

A vida já é embaralhada demais e podemos continuar.

A medicina abre portas para um novo vocabulário e conhecimento, que acaba por me afastar das pessoas que cruzam por mim. Hoje, aprendi a embaralhar o que sei e, assim, me aproximar.



Matheus Moutela



A alma da Dalma

Dona Dalma tinha emoção,
apesar de precisar de um reparo no coração
Um infarto podia lhe separar,
de alguém que estava a esperar,
para abraçar e mostrar
que o amor pode salvar
Sua internação foi um aprendizado
que às vezes a dor não vem de uma doença,
mas sim de não poder fazer a diferença

A alma da Dalma estava machucada por não estar com seu filho, seu olho já estava perdendo o brilho, por cada prazo estendido é uma despedida, deixando mais uma ferida.

Dalma apesar de estar fragmentada, um sorriso no rosto sempre estava, nos ensina a lutar e um obstáculo superar, mesmo quando nossa alma não para de gritar.

Miriam Anjos dos Santos

Somos Miriam Anjos e Renato Luiz, pais de Luiz Felipe e Maria Alice, que tratam uma doença genética. Não tem sido fácil, mas nós acompanhamos eles bem de pertinho, com muito amor. Com o cuidado e o carinho dos médicos, tudo se torna mais fácil. Nós somos muito gratos a todos, pois o amor tem ultrapassado as barreiras dessa triste doença. Somos fortes, pois somos uma família unida e guerreira.



Nayara Reis



Contar um pouco da minha história…

Sou paciente da hematologia há 34 anos, porém a história que tenho para compartilhar se passou na parte do pré-natal.

Há 12 anos atrás eu comecei o acompanhamento pré-natal no HUPE. Estava grávida do meu 1° filho. Esse acompanhamento se iniciou quando eu tinha três meses de gestação e se encerrou com uma perda ao 6° mês.

Mas vamos. Dei entrada na emergência no dia 12 de junho, sentindo muitas dores, e não sabia o que era. Então, na internação, uma enfermeira me explicou que eu estava em trabalho de parto.

Meu filho nasceu via parto normal, sem chorar, na madrugada de domingo para segunda, e eu não estava entendendo o que estava acontecendo. Um tempo depois, a pediatra me deu a pior notícia: Meu filho havia falecido.

Eu fiquei sem chão. Segui internada por mais uns dias, até que resolvi sair à revelia do hospital, e pedi à equipe médica que pudesse fazer uma biópsia, para saber a causa da morte do meu menino.

Quando saí do hospital, a assistente social havia me falado que eu não poderia registrá-lo e nem enterrá-lo com o nome que eu havia escolhido para ele, e que minha alta só seria dada mediante a conclusão da perícia. Por esse motivo, fui embora à revelia.

Meses depois, ao retornar ao hospital, eu não consegui ter acesso à biópsia e nem ao corpo. Foram se passando as semanas, até que uma reportagem no Fantástico, relatou que havia corpos de crianças e de uma mulher sem identificação na geladeira do Hospital Pedro Ernesto. Após essa reportagem, fui chamada para comparecer à chefia do serviço social.

Chegando lá, tudo aquilo pelo que eu lutei por meses foi resolvido em minutos. Ela me deu o papel de enterro tardio. Consegui o laudo, mas o trauma de tudo o que passei naquele dia dos namorados marcou minha vida para sempre. Para mim, foi erro médico. Achava o atendimento no pré-natal ruim. Fui inúmeras vezes à emergência com sangramento e o que os médicos falavam era que estava tudo bem com o bebê e, em seguida, eu era liberada. O que era anormal nas ultrassons feitas em clínicas particulares, para os residentes era normal, e foi assim que eu fui perdendo meu menino. O tempo passou. Eu engravidei duas vezes. A hematologia vivia falando que eu tinha que ter bebê ali e eu não aceitava, pois eu tinha medo; medo de acontecer algo com minhas filhas. Até que chega o ano de 2022 e eu descubro uma gravidez não planejada. O meu plano de saúde havia mudado e, para gestação de alto risco, os partos eram feitos na rede própria, e por ser um plano novo aqui no Rio, a hematologia mais uma vez veio conversar comigo, porém dessa vez eles tinham razão… E lá fui eu fazer pré-natal onde tudo me levava para recordações ruins. No entanto, houve mudanças...

Os residentes não me atendiam sozinhos. Era preciso passar um resumão do meu caso para a médica e assim eles tomariam uma decisão. Fui ganhando confiança no HUPE novamente, até que chegou o grande dia. Dia 06 de julho de 2023 - o dia de conhecer minha filha.

Cheguei cedo ao hospital. Aconteceram os preparativos e fui encaminhada para a sala de cirurgia. Lá estava eu na sala à espera de ouvir o choro da minha filha.

Porém ela nasceu sem chorar, roxa e meu coração ficou mega apertado.

Foi um filme na minha cabeça. Automaticamente, o medo tomou conta de mim e os minutos se tornaram uma eternidade. E nada de o choro vir.

Eu ali deitada na mesa de cirurgia sem ver nada, sem ouvir nada, só sabia rezar, até que ela chorou, minha filha foi reanimada.

Não vou esticar tanto a história, mas quero muito, muito mesmo agradecer a todos, desde o pré-natal até a hora da minha alta. O meu atendimento foi maravilhoso, foi muito melhor que aquele há 12 anos atrás.

Eu pude sair do hospital com minha filha em meus braços e com uma ferida para cicatrizar. Obrigada.



Pedro Cesar Ribeiro



Vasculhei minha mente à procura de histórias e experiências de cuidado.

Primeiro de tudo, obviamente, passei algumas noites refletindo sobre o que eu interpreto como uma história de cuidado e qual falar (os benefícios de ter insônia ou de não fazer uma higiene do sono adequada).

Bom… apesar de ainda ser um recém nascido nessa jornada da medicina, já são 5 anos de formação médica e posso falar que já fui atravessado e já atravessei uma grande quantidade de histórias, mas quando pensava em um paciente ou caso, me vinha à cabeça a minha vontade de escrever sobre um tipo de cuidado que não é fruto da relação médico-paciente.

Pensava que fugia do foco principal do projeto, mas, das histórias que me vinham à mente, era a que me mais me interessava em transmitir.

Minha história só existiu por conta da loucura que é estudar medicina; e, quando falo loucura, não fica apenas no sentido metafórico, pois já está mais do que comprovado pela academia que a graduação médica pode adoecer quem a cursa… pois, infelizmente, quem cuida, por muitas vezes, deixa de lado o seu cuidado ou não aceita ser assistido por outros. E para completar esse mar de caos, no meio do caminho teve uma pandemia, foi um momento caótico! Isolados. Tateando os próximos passos em tudo e sem saber como seria o dia seguinte.

Eu era apenas um calouro de medicina com “leves” traços de ansiedade e cheio de vontade de estar em algum projeto, pesquisa ou algo que materializasse as minhas idealizações de como seria a faculdade de medicina. Pediatria. Essa foi a minha busca. E depois de conseguir um contato, felizmente, saí com uma negativa para participar do projeto, por faltas de vagas, entretanto, com uma sugestão para buscar a professora

Eloisa Grosman.

E assim, começa minha história de cuidado…

Em uma tarde de 2020, cada um em seus favos virtuais, conheci um grupo, que, se não fosse pela negativa daquilo que buscava, jamais saberia que ali era o que estava procurando.

“Boa tarde, meu nome é Pedro Ribeiro, sou acadêmico do 3º período e acabei caindo aqui de paraquedas, mas depois que falei com a professora Eloísa me interessei muito pelo projeto e espero somar a equipe”

“Oi Pedro, bem-vindo, mas pode me chamar só de Loló”

Seu desejo por preferir ser chamada por um vocativo que a relembra um apelido dado por sua família ilustra como ela é uma pessoa que faz questão de que, quem a conhece, sinta-se querido e próximo, mesmo que não seja a realidade naquele momento.

Há três anos que conheço a Loló e, durante esses anos de convivência, tive o privilégio de poder desfrutar de uma relação professora-aluno que transborda cuidado, seja em orientações acadêmicas, formas de escrever um artigo, dicas e fofocas sobre como nossa faculdade funciona, convites para participar da escrita, ilustração de livros e organização de eventos, puxões de orelha, escuta de desabafos e de surto meu de achar que estava infartando, convite para sua equipe para tomar um vinho, para debater sobre projetos e falar besteiras.

São inúmeros os motivos que posso falar sobre momentos de cuidado e, por vários momentos, fiquei pensando como poderia escrever esse texto, mas, mesmo que eu adie o tempo de entrega deste relato, jamais conseguiria transmitir a gratidão que tenho de conhecer uma professora

como ela.

Por fim, uma vez ouvi da Loló que “quando ela esquecesse como é ser aluna, ela deixaria de ser professora”, fico feliz de que ela não tenha esquecido! E, quando eu for professor, falarei isso para meus alunos e espero que jamais esqueça como foi ser aluno seu.



Rafaela Mendes Tobias



Palavras no Corpo

Ele pensava nela o tempo inteiro. Gostava de como seu cabelo crespo caía sobre seus olhos castanho-escuros, do modo em que seus lábios pálidos formavam um coração e do seu sorriso grande. Ele amava como ela o fazia sentir, como se a vida valesse a pena. Tinha vinte e poucos anos quando a conheceu; hoje em dia, beirando os quarenta e três, vê o mundo com um pouco menos de cor, porém ainda encontra vida. — Dona Catarina, como a senhora se sente? — Bem, doutor. Ela tentava transparecer que estava melhor do que realmente se encontrava, o lenço laranja emaranhado na cabeça combinava bem com sua pele cor de jambo. Jorge, seu marido, acariciava a ponta de seus dedos finos, traçando um rumo para os próximos dia. Era perceptível que estava mais apreensivo que a própria mulher. O médico falou aqueles termos esquisitos que só se entende entre eles, algo sobre metástase. Jorge lembrou de seu primo que teve câncer de pulmão, do seu amigo Rafael e do seu pai - todos esses se foram. Ele poderia facilmente se desesperar ali, mas tinha que continuar firme para que sua amada pudesse sentir sem medo, tudo aquilo que se espera de uma paciente com câncer de mama em estágio avançado. Podia fingir que o fim não era anunciado, mas ela sabia que tinha pouco tempo, assim como aconteceu com sua mãe. Jorge comprou algumas passagens de avião, que conseguiu com muito esforço e ajuda de sua família. Catarina sempre teve o sonho de conhecer Paris, mas com o salário baixo da professora e as contas para pagar, os seus planos sempre acabavam sendo adiados. Catarina sempre lhe falou que não viveria muitos anos, por isso não transmitiu a nenhuma criatura o legado

da miséria. Dizem por aí que casais que não têm filhos sentem-se infinitamente mais próximos um do outro. Jorge e Catarina quase respiravam juntos; suspiravam; já são um. — Não importa o tempo, amor. Nós vamos a Paris — Ele apertava ainda mais firme a mão da sua mulher. O médico assentiu mesmo sabendo que seriam falsas esperanças. Ela teria, no máximo, duas semanas de vida. A promessa ecoou na sala gélida do ambulatório e era como se colorisse um pouco mais aquele ambiente tão claro e sem vida. Ambos começaram a guardar os exames numa maleta azul clara. Catarina já tinha a sensação de que essa seria sua última visita àquele lugar. Também sabia que poderia ser sua última viagem. O grande dilema de sua vida era viver entre as margens do desconhecido. Catarina se encontrava em um constante embate, às vezes forçada a tomar decisões sobre sua existência. A delicada interseção de sua personalidade e o fio tênue que a prendia em dúvidas profundas sobre o futuro tornavam-se palco de um incessante conflito interno. Em momentos esporádicos, ela se via confrontada com a escolha de habitar em seu próprio coração ou em sua mente. Precisava decidir se permitiria a entrada de visitantes indesejados ou se manteria as portas firmemente fechadas. A cada instante, Catarina precisava discernir o que se tornaria parte dela e o que seria deixado para trás, pois sabia que seu tempo era curto. E como naquela música da Gal Costa, tudo se encaixava como uma metáfora sobre o fim. Naquela maleta, depositava um pedaço seu, um fragmento de sua essência, uma parcela de seu ser que ela escolheu compartilhar de forma simbólica. Deixou ali uma parte de si mesma, uma lembrança intangível e em códigos sobre sua partida.

Samara Lopes de Melo

Dona Vera, 68 anos, carcinoma pulmonar com metástase. Eram essas as informações que eu vi no quadro da enfermaria antes de olhar nos olhos de dona Vera. Quando cheguei perto para entrevistá-la encontrei uma senhora emagrecida e retida ao leito, o que não me surpreendeu, já que eram achados da ectoscopia condizentes com seu quadro clínico. O que me surpreendeu, no entanto, foi a vontade de dona Vera para contar sua história. Fiquei surpresa, pois, ao vê-la debilitada no leito, eu esperava uma senhora que só iria ter forças para me fornecer as informações necessárias sobre seu caso, porém o que encontrei foi o oposto.

Diria até que sua vontade de ser ouvida falou mais alto que o incômodo que ela sentia. Bastou um simples "o que trouxe a senhora aqui no HUPE?" para que a chuva de informações começasse. Deixei que ela seguisse com o relato espontâneo e surgiram algumas das informações que eu precisava para escrever a anamnese.

Confesso que, durante o relato, me senti um pouco aflita pois as informações surgiam nas mais variadas ordens, porém, pela observação da expressão de dona Vera, entendi que ela precisava desabafar mais do eu precisava colher a história, então não quis interrompê-la e deixei ela falar.

Notei que esse momento foi importante para ela se sentir acolhida. Sua expressão e postura na cama mudaram, parecia mais confortável e mais leve, como se tivesse tirado um peso. Parecia que estava pronta para contar detalhes de sua trajetória que iam além da perspectiva biomédica e, com algumas lágrimas, me relatou que se sentia sozinha, com saudades da família.

Naquele momento, eu não pude fazer nada além de oferecer meu tempo

para ouvi-la, mas senti que isso foi a coisa mais importante que eu poderia ter feito.



Simone Nunes Barbosa



Nasci com uma patologia chamada ptose palpebral. Desde muito cedo sofri muito com isso. Passei por alguns constrangimentos por parte de vizinhos e colegas de escola. Não preciso dizer o quanto essa situação marcou minha vida. Tenho sentimentos de inutilidade até hoje.

Pois bem, o Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) entrou na minha vida em 2014, quando fui admitida como auxiliar de portaria. Não imaginava o quanto minha vida ia mudar. Sempre sinto orgulho quando digo que presto serviço para o HUPE. Admiro os profissionais e todo o trabalho realizado para os pacientes. Minha admiração só aumentou quando me tornei parte dos pacientes ambulatoriais.

Como paciente da oftalmologia, o médico me orientou a buscar atendimento no serviço de Cirurgia Plástica para reparar a minha situação da ptose palpebral. Eu achava que nunca conseguiria operar e, já com a idade de 29 anos, não acreditava que poderia mudar uma realidade que era normal para mim.

Fiz todo o tratamento na Policlínica Piquet Carneiro, com o auxílio da secretária Neide da Cirurgia Plástica, que me orientou adequadamente. Fui atendida pelo Dr. Carlos Weck Roxo, na época residente da cirurgia plástica, em 2015. Sua maestria e seu profissionalismo no atendimento foram fundamentais para o tratamento. Me senti acolhida de verdade por toda a equipe.

Operei numa segunda-feira pela manhã e não acreditava direito que um sonho estava se tornando realidade. Minha operação foi um sucesso. Em poucos dias me recuperei e pude ter uma melhora sem precedentes na autoestima. Agora não tinha mais vergonha de olhar as pessoas nos olhos.

Tenho a agradecer muito por ter tido essa chance. Sou grata eternamente a esse hospital maravilhoso.



Suélen Oliver



Olá, bom dia! Me chamo Suélen e hoje venho contar rapidamente a minha história de amor e carinho com este hospital.

Em 2012, eu comecei a trabalhar no Centro Cirúrgico (CC) do HUPE como TPB (Treinamento Profissional com Bolsa). Neste período, por acaso do destino, conheci meu marido, que também trabalhava no CC, num dia de chuva, em uma carona para casa. Nós, dois enfermeiros, e nossa história de amor se iniciou sem nenhuma pretensão. Começamos a namorar, depois optamos pela união estável e, em 11 de maio de 2024, vamos oficializar nosso casamento.

Talvez esta fosse somente mais uma história qualquer, mas este hospital tem grande relevância para nós, pois meu marido se formou enfermeiro pela Faculdade de Enfermagem da Uerj, e atualmente ele trabalha na Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro. Eu saí do CC, onde trabalhei como TPB, e assumi minha vaga na residência de enfermagem em clínica cirúrgica na turma de 2014 /2016. Saí desse hospital para iniciar minha carreira profissional, passei por algumas instituições e sempre sonhei em voltar a trabalhar no HUPE, pois é uma boa instituição, onde conheci bons profissionais e fiz bons amigos. Em 2020, voltei como instrutora de estágio dos alunos do curso de técnico de enfermagem do SENAC e foi ótimo!

No final de 2021, após muitas tentativas para engravidar, procuramos tratamento pelo SUS e, para nossa surpresa, conseguimos, sem muita demora, iniciar o tratamento no ambulatório de infertilidade com a doutora Alessandra Evangelista. O tratamento disponível era de indução de ovulação, cujas chances são baixas e o limite de tentativas se resume a

seis. Quando estava a caminho da quarta tentativa, pedi à médica que me desse um intervalo, pois estava me dedicando a estudar para o concurso de enfermeiro do HUPE, e assim foi feito. Estudei para o concurso, passei em vigésimo segundo lugar e retornei ao tratamento. Na última tentativa de engravidar, quando já não tinha mais esperança de ver um teste de gravidez positivo, o nosso sonho se realizou. Fiz o exame de sangue e lá estava ele: positivo! Chorei de emoção enquanto pensava que o laboratório havia errado o resultado, porque foi difícil acreditar. Felizes ficamos e fizemos o pré-natal no núcleo perinatal e assim nasceu nosso Pedro (nome em homenagem ao hospital, que nos rendeu a construção de nossa linda família). Nosso filho nasceu com fenda labial em 25 de abril de 2023 e já está aguardando a cirurgia, que será realizada pelo Dr. Eduardo Furtado a qualquer momento. E eu estou aguardando com muita alegria pela data da cerimônia de posse como enfermeira do HUPE. Todos os meus sonhos se realizaram. Obrigada!

Tábata da Cunha Esteves de Almeida

Felicidade

Ao chamá-la, já criei uma história em minha cabeça. Aquela senhora que parecia ter uns 75 anos, com cabelos brancos como a neve provavelmente aproveitou a vida. Apesar de estar na sala de espera, ela se encontra com um semblante feliz, que me permite inventar uma história mirabolante. Provavelmente quando mais jovem ela deve ter feito um mochilão pela América do Sul, conheceu amores em cada um dos países que visitou e fez amizades que duram até os dias de hoje. Se apaixonou pelas belezas da Patagônia, de Bariloche, de Machu Picchu e de cada um dos lugares em que esteve. No Peru, conheceu o maior de seus amores, um carioca como ela, que também estava de viagem por lá. Não foi amor à primeira vista, talvez nem à segunda, mas foi um amor que sobreviveu por 50 anos, e sobrevive até hoje. Com ele, viajou o mundo, expandiu os horizontes, conheceu Paris, Roma, Nova York e Londres. Criou uma família linda. Se formou e trabalhou naquilo que sempre sonhou. Teve uma vida tranquila, nunca passou necessidades e pôde viver confortavelmente com seu amor e seus filhos. Hoje, já mais idosa, segue conseguindo trabalhar, se divertir e aproveitando o tempo com os netos.

Ela, então, chegou perto de mim e entramos no consultório, fiz aquela anamnese completa para tentar entender o que a trazia ali. Qual foi a minha surpresa quando a história de vida que ela me contou foi totalmente diferente da imaginada na minha cabeça. O nome dela é Maria, mora no Salgueiro desde pequena. Foi mãe solo e passou por dificuldades para criar seus 6 filhos, mas valeu a pena, já que hoje são todos formados. Não pôde ser o que ela sempre quis ser - professora - porque precisou

começar a trabalhar cedo para ajudar em casa e, depois, para sustentar os filhos. Nunca nem saiu do Rio de Janeiro. Seu amor a deixou viúva depois do segundo filho e todos os outros amores que ela encontrou não eram, de fato, amores. Teve uma vida complicada. Trabalhava para colocar a comida do dia seguinte na mesa, mas assim conseguiu criar seus filhos. Amava o Salgueiro e desfilava todo ano no carnaval. Amava morar na comunidade, conhecia todos e era respeitada. Acima de tudo, era feliz. Tinha ido à consulta porque um dos filhos a tinha obrigado, para cuidar de si, ver o diabetes, a pressão alta e a dor na perna que não a deixava curtir o sambinha que ela tanto amava ou brincar com os netos no quintal. Terminei a consulta, checamos exames, pressão, vi a perna e os pés dela. Quando dona Maria saiu, fiquei olhando para a parede e pensando em como eu fiz uma história completamente diferente na minha cabeça e como ela era baseada no que eu tenho de ideia de felicidade, no que eu espero poder contar aos meus 75 anos, no que eu espero viver até lá. Ela me fez perceber que o que para mim é ser feliz e realizada é completamente diferente do que é para outra pessoa, mas o que importa é, no final, ambas se sentirem felizes.



Thiago Fillip Almeida Pontes



Entediada e eufórica com a vitória do Flamengo de 5x0 na semifinal da Libertadores ocorrida um dia antes, Michele se encontra deitada em uma maca, coberta por 2 cobertores. Me aproximei de Michele e a abordei perguntando se poderia conversar um pouco com ela, sobre qualquer coisa. “Claro! Amo conversar. É bom para passar o tempo. Aqui na enfermaria não tem nem uma televisão para me distrair... a noite parece um mausoléu.” Conversa vai, conversa vem, Michele me contou de sua história transpassada por diversas internações no HUPE – pelo qual nutria um grande carinho, por sempre se sentir acolhida e tratada dignamente –, todas por complicações decorrentes do HIV. Aquela, em especial, era por apresentar constantes tonturas e uma suspeita de câncer, na qual estava aguardando o resultado de uma biópsia de tecido extraído do linfonodo. Perguntei se ela estava preocupada com o possível diagnóstico da biópsia. “Meu filho, quem tem Aids não se abala com mais nada na vida.” Diagnosticada com HIV+ aos 17 anos por uma ONG que extraiu sangue para exame dos meninos de rua sobreviventes da Chacina da Candelária, Michele se coloca como sobrevivente de uma chacina de crianças moradoras de rua, de um pai abusivo, de um padrasto abusivo, da prostituição, da cadeia, das drogas e do HIV, que convive cara a cara com ela há 25 anos. “Se eu contar minha vida de fato, você até chora.” Morando de favor com a irmã, para cuidar da mãe que tem Mal de Alzheimer, Michele vê na prostituição a sua única possível fonte de sustento. “Não tenho carteira assinada e, mesmo se tivesse, ninguém dá emprego para travesti... quando é época de carnaval, trabalho na Imperatriz fazendo adereços e fantasia para a avenida... Amo o Carnaval.

Ganho 300 reais por semana. Nessa época, viro rainha. Todos em casa me valorizam, porém nem bolo que estão comendo me oferecem." Fui interrompido em minha conversa por 2 mulheres, da capela do HUPE, que vieram pegar o nome de Michele para oração. "Pode sim. Claro. Deus está sempre comigo, nunca me abandona, mas coloca na oração Ronaldo, vai que Deus não escuta se colocar Michele." Falei para ela que voltaria na terça para conversar mais e ela gostou muito. No final, deixei uma caneta e 2 revistinhas de palavras cruzadas e fui recompensado com um singelo e significativo: "Arrasou."

29/10/2019

Abri a porta da enfermaria feminina de Dermatologia, ocupada por pacientes do DIP, e já escutei: "Oiii! Que bom que você veio. Estava te esperando. Passei o dia todo tristinha, mas agora estou bem." Senti que esta conversa já seria diferente. Eram notáveis as notas de carinho e familiaridade deixadas pela visita passada. Perguntei por que ela estava triste. "Tédio, menino. Ninguém vem me visitar. Só meu cunhado que passou aqui ontem para pegar o papel da cesta básica. Nem perguntou como eu estava. Pegou o papel e foi embora." Para minha surpresa, toda esta angústia foi deixada de lado para nossa conversa e Michele colocou em prática todo o seu poder de extroversão, envolvendo a paciente Tati, sua "amiga de doença", em nossa conversa. Não foi um simples diálogo. Logo, até a acompanhante da paciente da maca ao lado e a funcionária da limpeza estavam ativamente participando de nossa conversa. Michele contou da ausência de sua família, da vez que foi para São Bernardo do

Campo se prostituir, da demora em receber o diagnóstico de sua biópsia, da antagonista mau-caráter Josiane da novela e, por fim, criticou a comida servida no hospital. “Não reclamo porque já passei fome na vida, mas não tem gosto de nada essa comida. Um frango ensopado que parece até que tem febre amarela de tão branco.” Foi uma conversa bastante cômica e leve. Levou quarenta minutos e logo toda a sala da enfermaria com suas sete macas e cinco pacientes estavam diferentes, estavam com mais vida. Foi incrível participar daquilo e presenciar toda a resiliência de uma pessoa, que, embora com todas as razões para não sorrir, sorriu e fez outras cinco pessoas sorrirem junto.

4/11/2019

Este encontro foi diferente, nossa conversa não foi na enfermaria da DIP. Eu e Michele fomos ao grupo Com Vida. Michele já havia frequentado o grupo anteriormente, mas desistiu por dizer que havia muita “lorota”. Foi difícil sair do hospital acompanhado de um paciente. Tive que pedir autorização para o enfermeiro responsável, para o chefe da enfermaria e, por fim, tive que mentir que era interno na portaria. Chegamos ao Departamento de Medicina Integral, Familiar e Comunitária e entramos em uma sala apertada, na qual encontrava-se um senhor sentado. Ele nos abordou, Michele já o conhecia de encontros passados. Ele não foi nem um pouco receptivo. Deu 10 horas e pessoas começaram a chegar, cada uma em um horário, e de repente havia 9 pacientes, 1 médica, 3 assistentes sociais, 2 nutricionistas e eu. Para minha surpresa, mesmo sendo uma reunião aberta, eu era o único que figurava a posição de intruso. Uma

assistente social foi quem conduziu a sessão, começando com uma roda de apresentação e terminando com um grande entrelaçamento de histórias. Michele, como eu já poderia esperar e querer, foi a que mais falou. Bastou uma mulher abordar seu sofrimento, que Michele aproveitou a deixa para falar de sua família – a sua inconsistente e distante família. “Levei 10 anos para contar a minha família que tinha HIV. Precisei ser presa para fugir deles. Naquela época, o preconceito era bem maior. Ninguém comia no mesmo prato que eu. Hoje, vivo de favor na casa da minha irmã, eu e minha mãezinha em um quartinho... Já cheguei quase a morrer. Ninguém nunca me visitou, só minha mãezinha... ela me viu naquele estado e disse: estou te perdendo meu filho. Amo tanto você, meu filho... Desculpa.” E começou a chorar, ruindo altos suspiros. Posteriormente a isso, Michele vestiu de novo sua armadura inabalável, da qual, por descuido e sentimento, se despiu no relato passado. “Mas... sou respeitada na favela. Todos me conhecem... eu posso não ter uma televisão no quarto, não ter um chinelo direito, mas faço de tudo para ajudar quem precisa... quantas vezes fui lá na boca pedir dinheiro para os bandidos para organizar festa na comunidade... última vez, foi a quadrilha das crianças. Vesti cada um de caipira... Trabalho de prostituta, tenho HIV, já tive neurossífilis e pneumonia duas vezes e agora suspeita de câncer, mas nunca me abalo. Estou sempre com essa autoestima.” É realmente uma autoestima invejável. A reunião do grupo se seguiu. Foram tantas histórias relatadas que minha impressão foi a de que o HIV é o menor dos males. Sobreviver à alarmante desigualdade social do Rio de Janeiro, à violência urbana cotidiana, à falta de oportunidades, ao descaso do governo e ao

preconceito geram mais efeitos colaterais que a baixa taxa de linfócitos TCD4. Por fim, a médica falou: “Vou aproveitar que um estudante do primeiro ano de medicina está aqui para falar sobre o conceito ampliado de saúde. Podemos perceber com essas histórias que ter um emprego, ter uma família que te apoia, ter um amor refletem totalmente em seu estado de saúde...” Na hora que voltamos à enfermaria, perguntei à Michele se ela gostou da reunião. “Foi muito bom. Vou voltar a frequentar o grupo.” Um encontro sem “lorota” e com grande emoção.

6/11/2019

Já sabia que esse seria o nosso último encontro, Michele já havia me falado que receberia alta na quarta e estava contando os dias para sair daquele lugar. Por perceber que seu chinelo estava, de fato, desgastado e que ela já havia mencionado algumas vezes sobre a falta de um chinelo, nos encontros passados, cheguei na enfermaria com um par de chinelos todo rosa e brilhoso, embrulhado em papel decorado, para presentear a minha nova amiga. Posso sim chamar de amiga. Quando chego na enfermaria, a recepção é igual a de um encontro de dois amigos. “Estou indo embora já, já, mas, como era de se esperar, a enfermaria já está me atrasando. Falou que tenho que passar no dentista. Vai estar uma fila gigante. Quero nem ver! E ainda tenho que esperar acabar esse soro. Já abri aqui para cair mais rápido.” A pressa para voltar à rotina era grande, mas não era para menos. Já havia mais de duas semanas que ela dormia e acordava naquela maca. “Adorei te conhecer. Vou voltar aqui para te encontrar no grupo Com Vida.” Esse nosso último encontro foi rápido.

Michele estava apressada. Ah, e o linfonodo diminuiu. Não era câncer. “Vou deixar para usar esse chinelo lindo no Natal. Vou comprar um sainha rosa bem curtinha para combinar com ele ou um shortinho jeans. Vai ficar babado.” Terminamos nosso encontro com um forte abraço e com toda a minha gratidão por aprender tanto sobre a vida, suas mazelas e vitórias, em tão pouco tempo. Michele virava rainha no Carnaval. E pude ver toda a sua majestade em uma foto no Facebook. Bom retorno para casa, grande rainha. Até breve.



Thiago Rangel



Quem cuida de quem cuida

Eu.

Não sei, não importa.

Paciente relata, eu não.

Nego.

Escitalopram 15 mg.

Clonazepam SOS.

Fisiológicas. Durmo bem, sono reparador?

Ansiedade, depressão, Borderline, tentativa de suicídio.

Tenho a impressão que tudo está normal, certo?

Mantenho conduta.

Um Midazolam e dois sorrisos

Andando pelos corredores do hospital, cai um garoto na minha frente. A mãe me explica que ele é epilético, mas estava estranho desde cedo, tendo crises incomuns e muito frequentes. Não tinha competência técnica o suficiente para resolver a situação, mas decidi que tinha condições de ajudar. Assim, coloquei minhas prioridades de lado naquele momento e decidi me doar. Chamei o neurologista do hospital, especialista em epilepsia, que sugeriu levar o menino até uma salinha para realizar um exame. Ao mesmo tempo que ele não tinha consciência, ele estava agitado e gritava por diversas vezes. A mãe estava mais tranquila do que eu esperaria, mas ela não tinha condições físicas de conter o filho enquanto faziam o exame. Assumi essa função. Enquanto o médico avaliava as curvas no monitor, eu fiquei ao lado do menino, que se agitava e ficava imóvel de forma intermitente. A conduta imediata era simples: midazolam intramuscular. Ou pelo menos parecia simples. Ligaram para o Plantão Geral para pedir a medicação. Demorou, mas a residente desceu com a medicação. O que não era esperado era um dos staffs do hospital tomar da mão dela porque alegou ter avaliado o paciente e disse que estava tudo bem com ele. Eu vi ele entrar. Em meio a confusão, ele adentrou a sala, olhou o paciente por três segundos, sem nem sequer o examinar ou olhar o exame. “Ele está ótimo.” E foi embora. Não consegui entender como o garoto estava bem… Eu seguia ao lado dele, contendo suas movimentações bruscas para que ele não ferisse a si mesmo dessa forma. Fiquei indignado naquela hora. Eu sabia do prejuízo neuronal que a crise estava causando a ele. O conhecimento é uma praga às vezes.

Ficava angustiado a cada minuto que se passava. Era só um midazolam. Depois de muito tempo e discussão, conseguimos que um interno descesse com o frasco novamente. Ufa. Depois de minutos, ele voltou e sorriu pra mim. Reconheceu a mãe que estava ao meu lado. Minha angústia foi imediatamente aliviada e minha indignação foi substituída por carinho. Sorri de volta para ele. Agora sim ele estava bem. E isso me deixou bem também.

Vitória El Warrak

Quantas vezes é preciso nascer até ter a noção de que se vive?

Nasci.

Nasci numa manhã do onze do doze, sob o sol que raia com as flechas do cavalo-arqueiro, e me pergunto se é isso o que esperam de mim: que eu siga em linha reta, como a sequência onzedoze, como o tiro certeiro do arco de meu zodíaco. As expectativas foram devidamente contrariadas, fiz-me errante e ondulada, pois renasci nas correntes do aquário, num vinte e sete do um, 413 dias após minha primeira inspiração, marcando com a expiração o fechamento dessa revoada inicial de ares em meus pulmões. Nesse hiato, inspirei-me tanto que, do sopro de minhas narinas, a vida alcançou uma outra semente, germinada de minha mãe. Ganhei um irmão.

Ganhei um irmão e dados etnográficos de minha História (também conhecidos como flashes capturados e armazenados em álbuns imponentes de ursinhos e nuvens coloridas; como o hálito orgulhoso de café da mãe, que acaricia a sala e as convidadas com seus relatos; como as bolhas de cerveja soluçando da boca do pai, que compartilha, por entre sorrisos inebriados, as façanhas dos pimpolhos para os companheiros de copo) confirmam que a jovem mulher de um ano e pouco que vos fala (vos escreve, na verdade) bateu os pés nus de tamanho 22 e declarou em pensamentos – lapidados com cada uma das 16 palavras de seu vocabulário – que sua existência não se limitaria às margens de sua fralda, tomando para si aquela bolota morena que gotejava saliva.

Aquela bolota morena que gotejava saliva deixou de ser parte de meu todo. Era o todo de minha parte. Diz-se que gêmeos possuem uma

conexão que ultrapassa as barreiras do concreto. Com 413 dias de diferença, podemos considerá-los como frutos da mesma gestação, certo? Já que, como disse, esses 35.683.200 segundos compuseram um único respirar da mais velha, que terminou com a chegada do mais novo. Concorde você com este raciocínio ou não, o fato, cientificamente comprovado, é que nossa união era mais indissociável do que os átomos do mais estável elemento. E o tempo passava.

O tempo passava e a ligação tornava-se mais intensa. Tão intensa que era-me totalmente natural o fato de meu irmão, com meses de avanço, não conseguir sentar-se sozinho. Os adultos assustavam-se, mas eu é que não entendia como esses 20, 30, 40 ou 50 anos não avisaram a nenhum deles como é árduo forjar o fio de aço que se enrosca em nossas colunas e ergue nossos ombros para que a vida se divirta em seu ventriloquismo. Apenas eu o compreendia. Tão intensa que era-me totalmente natural o fato de meu irmão ter convulsões. Os adultos assustavam-se, mas eu é que não entendia como esses 20, 30, 40 ou 50 anos não avisaram a nenhum deles o quão difícil é ser o gerente dessa fábrica mastodôntica que é o corpo, sem nenhum aumento de salário, décimo terceiro e, muito menos, férias, então é óbvio que não se pode ter o domínio de tudo – e, sem querer, podemos encostar no botão do piloto automático, permitindo alguns desses acessos involuntários. Apenas eu o compreendia. Tão intensa que era-me totalmente natural o fato de meu irmão crescer sem falar, olhar ou interagir. Os adultos assustavam-se, mas eu é que não entendia como esses 20, 30, 40 ou 50 anos não avisaram a nenhum deles que o transmitir-se em nada está relacionado à concretude dos símbolos culturais (já que há tanto

vazio no espaço entre duas palavras, há tanto desvio no encarar de duas pupilas, há tanta distância no aperto de um abraço), é uma força que exala de cada poro, não do corpo, mas da alma – então, para que desperdiçar-se com as insignificâncias dos significados? Apenas eu o compreendia.

Apenas eu o compreendia e apenas por ele era compreendida. Assim, entrincheirei-me em seu quarto que, assim como um casulo, modificava-se para comportar sua evolução em borboleta. Ensacavam as infantis pelúcias para substitui-las pelos cilindros de oxigênio – muito mais adulto. As estantes escusavam-se, cedendo seus postos a aparelhos tão importantes que tinham telas com números digitais e orquestravam-se em uma sintonia ritmada de bips e baps (às vezes, aprontavam de ignorar o maestro e apitavam em um improviso tão dissonante que a plateia corria apreensiva para resolver o contratempo). Parece-me também que confundiam-no com alguma espécie de rei ou governante, pois era patrulhado por imponentes soldados, todas de branco e ostentando as honras dos diplomas de enfermagem. E, dentro desta cúpula palaciana, eu me refugiava, devota e solícita, de prontidão para penteá-lo e deixar seus fios em seda, para diverti-lo com as piadas que trocava com o fisioterapeuta, para banhá-lo com as doces águas de riachos longínquos canalizadas até sua cama (nem de banheiro precisava, olhem só!). Canalizado também estava o ar que preenchia seu peito, pois sua vitalidade era tão potente que as tocas de seu nariz eram passagens estreitas demais para o tanto da atmosfera que ele exigia – por isso, nada mais justo do que instituir um sistema de tubulação diretamente à traqueia, afinal, se países podem ter, por que não ele, que era um mundo

todo à parte?

Ele, que era um mundo todo à parte, concedeu a mim, apenas a mim, um passaporte que decretava como autorizado o meu ingresso nessa sua vasta terra, em todos os seus planaltos, planícies e depressões, em todas as suas tortuosidades e avenidas, em cada densa mata e arejada clareira. Sei que os outros não tinham esse mesmo acesso. Diziam que sua visão esvaiu-se logo nos primeiros anos. Já eu tinha a certeza de que suas retinas perfuravam-me por trás de suas pálpebras constantemente semicerradas e da viscosidade de suas lágrimas, e somente assim eu era vista – não vista como esse envoltório barato que edifica a minha imagem, mas reluzindo o que está escondido camadas adentro. Diziam que, por seus ouvidos, nada penetrava. Já eu tinha a certeza de que, apenas em seus tímpanos, minha voz tímida e fraca (mas cheia de vontade de gritar) reverberava. Diziam que, de sua fala, nada trovejava. Já eu tinha a certeza de que, mesmo que suas cordas vocais jamais tenham deixado escapar qualquer tipo de dó-ré-mi, seus desejos ecoavam na mais bela voz de soprano. No entanto, o que ninguém podia negar é que ele sentia.

Ele sentia, especialmente através das inervações tatuadas em sua pele. Absorvia cada toque nas vilosidades da carne, prontamente transportados pelos labirintos do cérebro até às mais recônditas cavernas do coração. Do âmago, seus temores emergiam em tremores, fazendo vibrar toda a casa, tamanho terremoto ele era – confesso que, graças ao seu existir, meus eixos, felizmente, nunca mais se recompuseram. E, mesmo nunca tendo tirado uma carteira de identidade, sua digital está impressa com tinta permanente em meus dedos: até hoje, sinto a maciez frágil, tão lisa quanto

plástico, acariciar meu corpo, tendo seu toque mais nítido que o meu próprio. Colei, assim, seu eu em meu eu.

Seu eu em meu eu. Com esse duplo peso, torno-me mais leve que uma bolha de sabão, que flutua até a estratosfera, mesmo que tão inquebrantável quanto chumbo maciço. E, quando ele soube que teria o seu eu incrustado para sempre em meu eu, decidiu ele próprio deixar-se em mim e tornar-se a bolha de sabão, libertando-se dos rasgos do corpo para elevar-se, podendo, enfim, ele próprio, rasgar as camadas da realidade para estourar e precipitar na memória de cada um as gotículas que formavam o universo que ele fora – de tão extenso, jamais caberia por tanto tempo naquela pequenina bolha. Com seu estouro, enfim, nasci mais uma vez e, só então, tive a plena noção de que vivo, porque passei a abrigar em mim a união de duas vidas.



Wanessa Vilela dos Santos



Sempre fui uma pessoa meio distante dos amigos e familiares. Depois da doença da minha filha, como por um impacto de realidade, passei a valorizar mais os amigos e familiares, e até mesmo o meu trabalho, do qual eu tanto reclamava. Fiquei seis semanas no hospital com a minha filha. Eu preferiria estar naquele trabalho chato a ver minha filha sofrer; preferiria estar levantando de madrugada para ir trabalhar a ter que acordar várias vezes durante a noite, ou passar noites em claro, para ver se minha filha estava respirando ou com febre, muitas vezes inexplicavelmente… Depois disso tudo, passei a cuidar de cada detalhe da minha filha, da minha família e do meu trabalho. Passei a me alimentar de maneira mais saudável e a realizar mais atividades em família. Tive muitas lições, mas ainda não aprendi todas. Tenho muito que aprender. Preciso aprender a como derrubar essa barreira que tanto me impede de ser feliz de verdade. Agradeço a Deus pela vida da minha filha. Peço a ele que cuide dela cada vez mais e também peço pela minha vida, pois os dias se tornam mais difíceis quando se está só e enfraquecida. Às vezes, por ser orgulhosa demais, acabo me prejudicando. Apesar de tudo, porém, sou muito grata pela minha vida e pela vida de toda minha família. Hoje me tornei uma pessoa melhor, e sei que posso melhorar ainda mais, nem que seja por eles.



Zeneide



Flores e borboletas

Anos atrás trabalhando na CIPE (cirurgia pediátrica), uma menininha, após sua cirurgia de hérnia, iria receber alta só após suas eliminações fisiológicas. Porém ela estava com muito medo da dor do esforço e se recusava ir ao banheiro. Tentamos por horas sem sucesso; o clima já estava tenso e todos preocupados. Na época, eu andava com uma caixa de pintura e combinei com ela: “um cocô lindo por uma linda pintura com glitter”. Ela abriu um sorriso e correu para o banheiro. O cocozinho saiu e ela teve alta com várias flores e borboletas com muito glitter.



Coordenadora :
Eloisa Grossman

Organizado por:
Bruno Rangel
Eveline Derzi
Maria Eduarda Aragão
Pedro Ribeiro
Samara Lopes
Tábata Almeida
Vitória El Warrak